

ERNESTO RIZZONI

(PANEGIRICO)

UBIRAJARA ROCHA

São Paulo, 31 de outubro de 1977.

Estimado Vicente Miguel

Rua Monsenhor José Mendes, 258

Espirito Santo do Pinhal - SP

Um fraternalíssimo abraço

Saúde, tranquilidade, paz e segurança são os votos que lhe faço, extensivos aos entes que lhe são caros, preciosos.

Junto envio-lhe um caderno contendo um estudo que fiz acerca da personalidade fulgurante do nosso saudoso ERNESTO RIZZONI, vulto que parece estar sendo esquecido pela geração de "novos". Deve declarar-lhe que a presente remessa é feita a título de doação, dádiva ou presente pessoal meu à sua pessoa, visto que é bem conhecido o seu gosto pelas coisas de literatura e espírito.

Como lhe disse em carta anterior, comigo e à sua espera estão mais alguns trabalhos --- empacotados ^{em} volume de certo porte ---, pacote que o meu atual estado não tem meios de despachar-lhe, como pretendia.

Sem mais, queira aceitar mais esta pequena demonstração de minha sincera amizade.

Despede-se fraternalmente o

U. Sinclair Dubs

Endereço:

Hotel Pamplona Pálace

Rua Pamplona, 851 - CEP: 01405

Apto. 33 - Tel.: 285-6347

São Paulo (Capital)

VULTOS EMINENTES DO PINHAL

ERNESTO RIZZONI

Texto de Ubirajara Rocha

I

O nosso inesquecível ERNESTO RIZZONI foi um enamorado da ideal beleza do pensamento. Foi um fervoroso amante da cultura. Amava as puras noções da sabedoria humanística, tão cheias de sedução e poesia, cheias de encantos poderosos.

Podemos também dizer que foi a vida toda um fascinado pelos horizontes encantadores da espiritualidade. As filosofias, as religiões eram o alvo, o objeto especial de seus estudos, de suas buscas e pesquisas.

Em resumidas palavras: ERNESTO RIZZONI era um dos espíritos mais cultos e brilhantes do Pinhal; mil testemunhas o atestam.

Sim! RIZZONI talvez tenha sido a presença mais pura e brilhante que tem havido no cenário intelectual do Pinhal. O vulto mais interessante que tenha existido no chamado "humanismo cultural de Pinhal", conforme a expressão largamente ^{usada} ~~empregada~~ pelo ^{inculto} ~~rudemente~~ Dr. Abelardo Vergueiro Cesar, o preclaro e saudoso Doutor Abelardinho.

RIZZONI era um modelo de homem e de cidadão. Seus costumes eram irrepreensíveis; passou a vida no estudo e no trabalho, viveu para o pensamento e para a família, longe das agitações mundanas, longe das dissipações terrenas. Fazia o bem por um impulso secreto da sua natureza, sua consciência era clara e firme e sabia resistir a todos os sofismas do mal. Cultivava a piedade, a ^{retidão} ~~virtude~~, o espírito de sacrifício. Domava os desejos e os apetites grosseiros, colocava bem alto a razão, a justiça, o amor. O ideal, o bem, a beleza moral não eram para ele mentiras ou ilusões falazes. Para ele, o alvo da vida não estava no gozo mas no dever.

Sintetizando: o nosso bondoso ERNESTO RIZZONI
viveu --- "passou" ---, mas deixou uma recordação
verdadeira, perene, marcante; sinais fortes assina-
lam sua passagem pela Terra; não deixou, dessarte,
apenas, um apagado vestígio; não podemos dizer que
sua existência foi, meramente, "uma faísca na noi-
te."

Espiritualista profundo como era, RIZZONI tinha de ser, como efetivamente era, dominado pelo espírito da caridade. Cristão professo como era, tinha forçosamente de amar o próximo como a si mesmo.

Sabemos que não é fácil cumprir, fielmente, a lei da caridade, instituída pelo Nazareno. Parece que a natureza humana é-lhe aversiva, não na aceita integralmente por ferir os seus essenciais ~~inix~~ egoísticos interesses. Ao propósito escreveu Léon de Rosny, citado por ~~xxx~~ ^{Léon} Denis: "A lei de caridade é lei calma e pura, mas tem ficado ininteligível para a maioria dos homens, visto lhes re-prometer voltar os apetites e não ~~prometer~~ a espécie de salário que querem ganhar."

Estamos autorizados a dizer que ERNESTO RIZZONI vivia, quase em sentido pleno, o "espírito franciscano". Era absolutamente desapegado dos bens materiais, cativava-o o "espírito da pobreza". Não se preocupava em acumular dinheiro, riqueza. Parece que jamais pediu a Deus para ficar rico, porque rico nunca foi.

Na verdade, sempre recebemos o que pedimos. É assim grande o poder da fé, a magia atrativa da prece, da oração ardente. Todavia, nem sempre sabemos pedir o que é bom para nós.

Pode ocorrer, também, ~~recebermos~~ ^{recebermos} coisas e bens não dados por Deus mas pelo Maligno. O nosso ardente pedido pode ser atendido não só pelo Doador Divino mas igualmente pelo Diabo, pelo Poder das Trevas. Ouçamos o que a este respeito escreveu Aldous Huxley: "Entrementes, devemos estar atentos às advertências do folclore. Esses realistas anônimos que escreveram os contos de ~~tal~~

fadas do mundo sabiam muita coisa a respeito dos desejos e de suas realizações. Sabiam, antes de tudo, que, em certas circunstâncias, os pedidos podem ser atendidos; mas também sabiam que Deus não é o único doador e, se alguém pede algo com má intenção, recebê-lo-á de fato --- mas como vingança, e não concedido pelo Doador Divino. Obter o que queremos por meio de pedidos egoisticos é uma forma de hubris, que convida a sua condigna e apropriada nemesis." Quem recebe bens ou benefícios dessa forma, torna-se devedor do poder do inimigo, do Adversário; torna-se afilhado do Diabo, servidor do Demônio. O mal-intencionado deve pagar, e realmente pagará, pelo que obteve acima do razoável; ao receber os bens imerecidos, xxx acarreta, sua ~~própria~~ ruína. São catatróficas as consequências dos bens recebidos do Demônio; o festival de hoje se transforma, amanhã, em choros e ranger de dentes, nas trevas exteriores.

Para ~~abandonar~~ este assunto, seja-nos licito citar uma das mais expressivas passagens de Santo Agostinho. O texto agostiniano é este, transcrito totis litteris:

"Imagina a Deus como te dizendo: "Meu filho, por que diariamente, ao levantar, rezas de joelhos, e até chegas a bater com a cabeça no chão, e algumas vezes derramas lágrimas, enquanto te diriges a Mim suplicando: "Meu Pai, meu Deus dá-me riqueza!" Se te atendesse, pensarias que eras alguém muito importante, imaginarias que o que recebeste era algo de extremo valor. Pediste e recebeste; no momento que passas a ser rico, desprezas os pobres. Que espécie de bem é esse que só serve para te tornar pior? pois pior ficaste, uma vez que já eras mau. E isso te fará ainda pior do que imaginas; portanto é este o pedido que me fazes. Eu te atendi para experimentar-te. Pediste --- e te revelaste! Pede-me coisas melhores que essas. Pede-me coisas espirituais. Pede-me que Eu te dê a Mim mesmo."

Comentou Aldous Huxley: "Nas palavras de Santo Tomás de Aquino, é legítimo rezar por algo que seja legítimo desejar. Há algumas coisas que ninguém tem o direito de desejar --- tais como os frutos do crime e das más ações." Finalmente: só Deus sabe o que é bom para nós, e sabe-o antes de nós o sabermos.

Encerrada esta digressão, ~~volvamos a~~ voltar a falar de ERNESTO RIZZONI, tema central deste nosso pálido escrito.

RIZZONI amava a Deus acima de todas as coisas. Estava firmemente convencido desta soberana verdade: "Estamos todos orgânicamente vinculados a Deus, à Natureza e a nossos semelhantes."

Está bem claro que sofreu --- que sofreu muito durante a vida. Contudo, só sofreu por amor. Disse Meister Eckhart: "Aquele que sofre por amor não sofre, pois todo o sofrimento é esquecido."

Era desinteressado e humilde. Estava disposto a aceitar o fracasso e o desastre como estando de acordo com a vontade divina. Aceitava, serenamente, os decretos de Deus. Quanto à humildade, seu viver afinava-se com este pensamento de Lacordaire: "A humildade não consiste em esconder nossos talentos e virtudes, em pensar que somos piores e mais ordinários, mas em possuir um claro conhecimento de tudo que nos falta, e não em nos exaltarmos por aquilo que temos, vendo que Deus se entrega livremente a nós e ~~quer~~ ^{que} com todos os seus dons, somos ainda de uma importância infinitamente pequena."

No entanto, tinha razão Fénelon: "somos piores do que pensamos". Explicitamente: se nos analisarmos em profundidade, "vemos brotar do nosso coração todo um enxame de sentimentos vergonhosos, como répteis pegajosos numa caverna oculta." Isto assombra e perturba, enche de horror os seres de sensibilidade. Outros, porém, ~~não~~ ^{não} têm consciência da gravidade de sua doença; estão num estado de cega presunção e de dureza, presos da sua própria ilusão." São maus, perversos, e crêm que estão certos em seu modo de ser e nós, os bons, é que estamos errados. "Enquanto seguimos a correnteza, estamos inconscientes do seu rápido curso."

Podemos dizer, sem qualquer tinta ~~de~~ ou nota de pessimismo: no fundo, em essência, o ser humano é um diabo em miniatura. Um demônio... Uma coisa miserável e sórdida, pior que tudo o mais... Pode comparado a um rato imundo do brejo... A um macaco... A um rato selvagem da estrada... Capaz, no entanto, de elevar-se até à santidade, ao heroísmo --- até Deus...

Luiz Antonio Duda

ERNESTO RIZZONI

Texto de Ubirajara Rocha

II

Podemos dizer, sem o menor traço de boswellism, que ERNESTO RIZZONI era um ente capaz de amar até ao sacrifício e que achava-se nele gravado o ideal do bem e do belo. Era uma consciência assaz delicada, que sentia, amava, sofria...

RIZZONI tinha noção exata de seu papel neste mundo, de seus deveres e de seu destino. Bem longe estava de ser um sibarita, um hedonista; jamais substituiu as generosas aspirações da alma pelo amor do prazer. Fugia dos prazeres enervantes, das sensações requintadas ou grosseiras e só buscava os gozos do espirito.

Desprezava o culto do ouro e da carne. Era fervoroso cultor da Filosofia, cujos temas formam o objeto das inteligências abstratas. Estava muito acima das coisas móveis, perecíveis, do mundo material; seguia na vida com passo firme; esperançoso, com fé no futuro, com consciência reta e esclarecida.

O nosso bondoso ERNESTO RIZZONI mostrou grandeza de alma, firmeza nos maus dias, coragem na adversidade.

Lutava e trabalhava: "o mundo é um teatro predestinado para lutas e trabalhos." Homem excelente, caráter elevado, sua breve passagem por este mesquinho globo deixou traços profundos, sulcos inesquecíveis, sinais marcantes, inconfundíveis.

Dia a dia RIZZONI ^{progredia} ~~progredia~~ em ciência, ^{em critério, em} ~~progre~~ virtude. Sem cessar aumentava a sua riqueza moral e o seu saber. À medida que se purificava interiormente, suas percepções aumentavam. E é para notar que o engrandecimento da alma só é obtido mediante lutas, trabalhos, sacrifícios, sofrimentos.

O nosso generoso RIZZONI "tinha confiança na sabedoria divina, confiava na justiça de Deus, que reserva compensações a todos os sofrimentos, alegria a todas as dores". Aliás, toda a força

do homem de bem está nessa confiança que deposita na Providência, na lei divina que paira sobre todos nós e que rege os nossos atos.

RIZZONI vivia tranquilamente sob o "olho de Deus" --- olho bondoso, compreensivo e paternal, e que está em toda a parte: "nenhum mortal jamais o viu, mas ele a todos observa" (cfr. "Hi-nos Orficos").

Desprezando as satisfações materiais, RIZZONI trabalhava com ardor pelo seu desenvolvimento psíquico, pelo aprimoramento de suas faculdades, tendo por supremo alvo a perfeição. Precocemente empalidecido no estudo, inteligenciava-se cada vez mais, lentamente elaborando-se a si próprio.

Frise-se, novamente, que o nosso caro ERNESTO soube preencher bem os seus dias na Terra. Era calmo e pacífico, bondoso e altruísta. Era temperante: não multiplicava os desejos à força de multiplicá-los.

Devemos dizer a verdade por inteiro: ERNESTO RIZZONI era um cerebral --- um cerebral puro.

Que é um cerebral?

A metade, ou mesmo mais da metade da humanidade sensível, experimenta alívio em desprender-se do "opressivo trabalho ~~mental~~ mental"; sente-se aliviada em fugir do trabalho cerebral, deixando-o à cargo de algumas poucas inteligências de escol; encarrega, de bom grado, a uma elite a preocupação ^{ou a} ~~mental~~ penosa tarefa de pensar em seu lugar. Já Schiller havia escrito, ^{nos} ~~seus~~ Ensaios: "A maioria dos homens está farta, exausta, deprimida pelas lutas pela existência, e, por conseguinte, não se encontra em condições de sustentar um combate inexorável contra o erro."

O cerebral --- ou o cerebrotônico, como foi definido por Sheldon --- é um ser supersensível, seu sistema nervoso é relativamente desprotegido. É fraco e sensível como Hamlet, como Ivã Karamazov. "O cerebrotônico extremo é superalerta, é um introvertido sensitivo, que está mais preocupado com o que se passa por detrás de seus olhos, com a estrutura do pensamento e da imaginação e com as variações do sentimento e da consciência --- do quem com o mundo exterior. Os cerebrotônicos têm pouco ou nenhum desejo de ~~com~~

dominar --- alguns deles tratam as demais criaturas à distância; querem viver e deixar ^{os} ~~viver~~ outros viverem, e sua paixão pela vida privada é intensa. A solidão, a mais terrível das punições que podem ser infligidas às pessoas suaves, delicadas, e cordiais, nada representa, para o cerebrotônico como castigo. Para ele o extremo horror é o interato ou o quartel, o presidio ou as enfermarias de hospital. Quando acompanhados, os cerebrotônicos são nervosos e tímidos, tensamente inibidos e de humor imprevisível. (É curioso observar que jamais um cerebrotônico extremo conseguiu ser um bom ator ou atriz). Os cerebrotônicos odeiam bater portas ou altear a voz, e enervam-se tremendamente com o desassossêgo e a agitação dos outros. São controlados, e quando chegam a expressar seus sentimentos, fazem-no com extraordinária reserva. O jorro emocional dos sentimentalóides afigura-se-lhes ofensivamente frívolo e até insincero, nem tem eles a mínima paciência com a cerimoniosidade de outrem, nem com o amor ao luxo e à magnificência. Têm dificuldade para adquirir hábitos e raramente se adaptam à rotina. Devido a sua supersensibilidade, os cerebrotônicos são, de modo geral, extremamente e quase insanamente sexuais; mas é raro serem tentados pela bebida --- pois o álcool, que estimula a agressividade natural de outros tipos humanos, ou aumenta a amabilidade de outros, deixa-os indispostos e deprimidos. O cerebrotônico introvertido é, de alguma forma, inadaptável às coisas, às pessoas e instituições que o rodeiam."

Em suma, o cerebrotônico é o homem das lucubrações intelectuais --- lucubrações às vezes levadas tão a sério que se perde o sentido da realidade, humana e espiritual, como foi o caso de João Calvino. Jesus Cristo, também, parece ter tido um temperamento cerebrotônico; suas idéias foram caracteristicamente cerebrotônicas, mas este não é o momento nem o lugar adequados para se tratar deste assunto.

Quem é que, tendo conhecido de perto o nosso ERNESTO RIZZONI, não enxergará na descrição acima (devida a Aldous Huxley) os traços predominantes no temperamento e no caráter daquele nobre pinhalense?

ERNESTO RIZZONI

Texto de Ubirajara Rocha

III

O nosso inesquecível ERNESTO RIZZONI levou uma vida serena, tranquila, isenta de paixões; ou melhor dizendo, para ele paixão só a do bem e do justo.

Sua breve existência foi pontilhada de boas ações, de rasgos de generosidade. Pouco a pouco foi abandonando os apetites, as paixões, os desejos, que ^{são} ~~eram~~ os espinhos da matéria, espinhos nos quais todos se dilaceram. Assim macerando a vontade, foi adquirindo doçura, resignação, fé; aprendeu a sofrer sem murmurar, a desprezar os bens e as alegrias efêmeras do mundo. Espiritualizando-se mais e mais, suportava sem queixume os golpes do mal, o peso do isolamento e da trisiteza, e, muita vez, esgotou o cálice profundo e amargo.

RIZZONI foi, pode dizer-se, modelado pelo sofrimento, esse grande educador. Escreveu Léon Denis, com toda a força de sua convicção de extraordinário pensador: "O sofrimento, desenvolvendo as forças viris da alma, a robustece para a luta e para a sua ascensão, amadurece e apura os sentimentos, abre as portas da bem-aventurança."

Cedo o nosso bondoso ERNESTO afeiçoou-se ao meditado ou aprofundado estudo das doutrinas espiritualistas. Tais preocupações são graves mas sentidas por bem pequeno número de pessoas em qualquer tempo. Observou o acima citado Léon Denis que "infelizmente pouquíssimas pessoas se interessam pelo estudo do espiritualismo", ajuntando, esclarecedoramente: "A vida fo maior número é uma carreira frenética para os bens ilusórios. Apressa-se, receia-se perder o tempo com coisas que se consideram supérfluas; perde-se realmente o tempo, entregando-se ao que é passageiro e efêmero. O homem, em sua cegueira, desdenha aquilo que o faria viver feliz, tanto quanto se pode sê-lo neste mundo, satisfazendo o bem e criando em torno de si uma atmosfera de paz e de recolhimento."

RIZZONI era uma alma impregnada de dignidade, de sabedoria de caridade. Sua superioridade moral era verdadeira e resultava sobretudo do fato de sua vida ser isenta de ^{paixões} ~~paixões~~ materiais. Ele sempre palmilhou o bom e reto caminho.

Não temos o direito de dissimular as nobres qualidades que ornavam o seu belo espírito. Cumpriu, religiosamente, seus deveres, sua missão terrestre. "Cada um de nós tem deveres, uma ~~xxxx~~ missão a cumprir na Terra, provas a suportar para nosso próprio bem e elevação."

RIZZONI foi escritor, e excelente escritor. Sabia manejar a pena e as idéias como poucos. Durante anos a fio escreveu ^{com} ~~sem~~ brilho invulgar; com sua pena brilhante falou-nos à inteligência, ao sentimento e à razão.

Sua existência foi uma existência de ordem, de ponderação e equilíbrio. Em seu lar sempre reinou uma atmosfera sã e pura. E bem cedo aprendeu a medir o alcance de seus atos, a extensão de sua responsabilidade; era trabalhador e ativo, combatendo "a indiferença que fecunda as misérias sociais e envenena moralmente este planeta."

ERNESTO RIZZONI: espírito puro e bom, alma superior. Espírito eminente, espírito de elite. Amou a beleza ideal e perfeita. Amou a beleza em todas as suas formas, e respeitou os direitos de todos, cultivou a amizade e a fraternidade.

Foi modelo de retidão e virtude, este espírito esclarecido, paciente e atencioso. Sua existência se passou no estudo e no trabalho, no amor à família, tendo por base a mais pura moral.

RIZZONI era --- impossível seria que não fosse --- um espírito religioso. Ele cria em Deus, pai das almas. A fé ou a confiança em Deus o sustentou no rude caminho da existência.

Todos os bons estimavam e admiraram o nosso RIZZONI, espírito cheio de virtude e de qualidades conquistadas pelo trabalho e pelo sofrimento. "O mérito é filho de trabalhos longos, fruto de obras fecundas." (Léon Denis).

O nosso saudoso ERNESTO RIZZONI, espirito justo
e bom, brilha entre as almas eminentes da História
de Pinhal. Os bons pinhalenses nunca o esquecerão,
como não o esquecem os que tanto o estimaram em vida.

A existência deste homem de palavras elevadas, de ~~pensamentos~~ ^{pensa-}mentos generosos, de ações nobres se desenrolou entre nós durante algumas breves décadas. Méritos assinalados marcaram para sempre sua bela e cativante personalidade.

Excelente personalidade, que "possuía em grau superior o sentimento do belo, que é a fonte dos mais puros gozos".

ERNESTO ~~criou~~ ^{criou} em torno de si uma atmosfera límpida e pura. Possuía mente ativa, preocupava-se em exercer sua inteligência por um uso constante, por um exercício assíduo. Era infatigável nos estudos ~~análises~~ ^e análises que empreendia; sua paciência não esmorecia.

Excelente homem! Homem de coração reto, de razão esclarecida e madura.

Excelente criatura! Criatura de vida reta e coração ~~sincero~~ sincero.

ERNESTO RIZZONI --- nós o víamos --- era homem justo, e que tinha nas mãos o facho da razão. Infinitamente longe estava dos que procuram o prazer ou o interesse. Jamais quis --- como é o sonho dos hedonistas requintados --- nadar numa piscina voluptuosa de deliciosas sensações.

ERNESTO RIZZONI ^{permanecerá} ~~permanecerá~~ na dimensão histórica
de Pinhal como um homem puro, culto, bondoso, digno
de admiração.

Com os frequentes e aturados estudos espancava as trevas da ignorância. Para dissipar as espessas trevas desse flagelo chamado ignorância só há um meio: estudar. Escreveu Léon Denis: "A ignorância é difícil de vencer; os erros e os abusos que engendra têm muitas vezes mais império do que a verdade e a razão."

Sim, este cidadão de vida pura e exemplar, de que ora estamos falando, era, aos olhos do pensador, um ser privilegiado, um ente inspirado. Grande alma, impregnada de tendências elevadas, generosas. Seu espírito se irradiava com vigor, iluminando-se com claridades sempre novas.

RIZZONI "construía-se todos os dias a si mesmo, por seus atos"; aperfeiçoava-se, sem cessar, cumprindo seus deveres no trabalho e nas provações. A um só tempo apurava o coração e a razão. Não foi subjugado por esses dois monstros da alma e que até agora têm domado a quase totalidade da humanidade: o orgulho e o egoísmo.

O autor destas pobres ~~linhas~~ descoradas linhas foi testemunha da sua elevação de sentimentos, da sua pureza de vida, dos seus nobres impulsos para o bem e para o ideal. Vimos, muitas vezes, sua face se iluminar com o reflexo da chama que ardia dentro dele.

ERNESTO foi --- não será demasiado repeti-lo --- um caráter sério e refletido; personificava a oposição mais que diametral aos espíritos levianos, amantes de coisas pueris e vãs.

ERNESTO RIZZONI --- nome justamente estimado, louvado, admirado. Ele foi, ninguém se engane, um dos maiores fenômenos morais e intelectuais da História de Pinhal.

A recordação de sua figura ainda perdura entre nós; sua lembrança, estamos certos disso, não irá como muitas putras se esvair como tênue névoa.

A lembrança do homem superior é permanente, não morre com sua morte. É uma permanência histórica, um perene exemplo a seguir, um perpétuo modelo a imitar... É esplêndida a inspiração vinda do homem superior: a beleza moral cativa seu pensamento, ele vive sob o império de aspirações elevadas. Compraz-se na pura atmosfera do idealismo. "Sente prazer em participar dos trabalhos daqueles a quem se sente unido por analogias de caráter ou de hábitos."

Um homem superior --- assim como RIZZONI o foi --- "foge das reuniões bulhentas, e só se dirige a homens animados de intenções puras."

ERNESTO RIZZONI

Texto de Ubirajara Rocha

IV

Podemos dizer, sem receio de errar, que ERNESTO RIZZONI modelou sua vida segundo os princípios da mais alta moral que existe, que é a moral cristã. ^{Com efeito,} ~~xxxxxxxxxxxx~~ o Nazareno ensinou a moral superior, definitiva ---- a moral permanente, universal --- e "cuja grandeza e beleza revelam sua origem sobreumana."

Esse nosso sempre lembrado amigo sempre fez o melhor e o mais alto uso da sua liberdade moral; "esclarecido por suas decepções e sofrimentos", adquiriu enorme conhecimento da vida; pode-se dizer que "foi no seio das provas que obteve a sua grande experiência do mundo".

RIZZONI foi educado pela dor. Foi a dor que o fez firmar a sua forma moral. A dor formou o seu caráter. Escreveu Léon Denis: "Há males que a inteligência pode conjurar, destruir; outros existem, inerentes à nossa natureza moral, que somente a dor e compreensão podem vencer; tais são os vícios. Nestes casos, a dor se torna uma escola, ou antes, um remédio indispensável."

Lenta mas seguramente ERNESTO alcançou "os três bens imorredouros: o Critério, a Ciência e o Amor." Fez-se logo conhecido, máxime pelo fato de possuir uma mente estudiosa e pensadora; efetivamente, não cessava de estudar, estudava com constância e zelo quase apaixonado, analisando em profundidade sobretudo os temas ligados ao espiritualismo. Fiava-se ele, naturalmente, na sagaz e penetrante observação de Newton, que disse: "É loucura acreditar que se conhecem todas as coisas, e é sabedoria estudar sempre."

Sem dúvida alguma, a superioridade intelectual e moral é fruto de um trabalho lento e contínuo. O estudo aturado e permanente confere, ao cabo e ao fim, considerável sabedoria da vida. Ao propósito escreveu o sempre citado Léon Denis: "Somente ao fim de muitos anos de reflexão e de observação é que se adquire o ~~câmbio~~

conhecimento, é que se aprende a julgar os homens, a discernir o seu caráter, a resguardar-se dos embustes de que está semeado o mundo."

RIZZONI fez em paz e segurança a "travessia perigosa da existência". A sua foi uma existência ativa e laboriosa; teve uma vida de muita luta e abnegação. Por ser virtuoso e bom, sempre "fugiu dos prazeres aviltantes, das discórdias e das vãs agitações da multidão". Não se perdia em "discussões estéreis, nas rivalidades, na cobiça das honras e bens de fortuna"; encontrava a sabedoria, o contentamento de si próprio no trabalho, na prática da caridade, na meditação solitária, no estudo concentrado."

ERNESTO procurava se melhorar, se depurar cada vez mais. Aperfeiçoou-se até ^{se} tornar um verdadeiro homem moral, até ser um homem profundamente honesto. Esta linha de considerações pode ser utilmente ilustrada por estas observações de Léon Denis: "A honestidade é a essência do homem moral; é desgraçado aquele que daí se afastar. O homem honesto faz o bem pelo bem, sem procurar aprovação nem recompensa. Desconhecendo o ódio, a vingança, esquece as ofensas e perdoo aos seus inimigos. É benévolo para com todos, protetor para com os humildes. Em cada ser humano vê um irmão, seja qual fôr seus país, seja qual fôr sua fé. Tolerante, ele sabe respeitar as crenças sinceras, desculpa as faltas dos outros, sabe realçar-lhes as qualidades e jamais é maldizente. Usa com ^{moder-} ~~moder-~~ razão dos bens que a vida concede, consagra-os ao melhoramento social e, quando na pobreza, de ninguém tem inveja ou ciúme."

Para terminar diz, ainda, o nobre pensador e espiritualista gaulês: "Antes de tudo, o homem honesto busca o julgamento e o aplauso da sua própria consciência." A consciência é Deus em nós.

RIZZONI ^{"fazia"} ~~fazia~~ o bem sem ostentação, sem secreto desejo de aplausos e lauréis". Era, sempre e sempre, responsável e digno. Nunca pensou em viver numa espécie de paraíso da irresponsabilidade. Não são poucos os que levam vida fútil, vida inútil e culposa.

Sim! os seres humanos, em sua vasta maioria, agarram-se aos prazeres, almejam viver a seu gosto, indiferentes à vida moral

e à vida eterna; "afastam de seus pensamentos tudo quanto poderia induzi-los a repudiar seus hábitos perniciosos", hábitos arraigados e docemente afagados e que não querem perder. Nem mesmo em sonhos se resignam a largar a chamada "dolce vita", a vida que conduz diretamente ao abismo de Satanás...

Permita-se-nos citar novamente Léon Denis: "A nossa sociedade, absorvida completamente pelas especulações, pouco se preocupa com o ensino moral." --- "No meio do turbilhão da vida, o homem se detém poucas vezes para refletir."

Um homem simples e modesto --- eis, em síntese, o nosso ERNESTO RIZZONI. Tinha a coragem de se desdizer, de confessar que se enganara. Quantos são capazes de fazer isso? Praticamente ninguém. "O orgulho os escraviza totalmente!"

Bem cedo o nosso generoso amigo procurou a senda do bem, a vereda do bom, e desviou-se dos lamacentos caminhos da sensualidade. Alimentava um ideal eminente: o estudo das grandes religiões.

RIZZONI praticava a lei do bem; jamais descurou da lei moral, lei que a todos obriga. Sempre cumpriu o dever; o dever ordena absolutamente e sem condição.

Fato interessante: em toda a dimensão de sua existência não o menor traço ou vestígio de sensualismo e de desordem.

Praticava a higiene da alma. "A higiene da alma --- escreveu Léon Denis --- se aplica a todos os nossos atos e conserva nossas forças espirituais em estado de equilíbrio e harmonia." Nada é mais necessário para nós do que cuidarmos do estado de nosso corpo e de nossa alma. Nosso corpo, não devemos esquecê-lo, é o "templo do Espírito Santo", como disse o Apóstolo dos gentios, Paulo de Tarso.

RIZZONI submetia-se a rigorosa disciplina. "Regulava as tendências do seu ser moral." "O hábito do bem facilita a sua prática." Cedo aprendeu a dominar-se, a conter-se, a ser senhor de si. Cultivou o poder da vontade --- "a vontade é o fundo sólido da alma", o núcleo ou a essência da personalidade.

dúvida, bem que ele "desejaria enxugar todas as lágrimas, curar todas as feridas, extinguir todas as dores."

Lição - Dul

ERNESTO RIZZONI

Texto de Ubirajara Rocha

V

O nosso saudoso ERNESTO RIZZONI, malgrado muito se preocupasse com as coisas do espirito, com as coisas extra-terrenas, era um bom cidadão, um bom patriota. Em verdade, parecia afinar sua mentalidade com estas reflexões de Léon Denis, grande patriota francês: "Saibamos cumprir os nossos deveres para com a Pátria na medida das vantagens que auferimos. Sem ela, sem essa civilização que ela nos lega, não seríamos mais que selvagens."

Sim -- todos haveremos de convir nisto --- o país em que nascemos, a nossa Pátria, merece o nosso amor, o nosso sacrificio. É mãe generosa. "Ela recolhe e transmite a herança de numerosas gerações que trabalharam e sofreram para edificar uma civilização de que ~~recebemos~~ ^{recebemos} os beneficios ao nascer." (Léon Denis).

O nosso bom ERNESTO --- espirito iluminado --- não esterilizou-se no abandono, não tombou nem vai tombar no esquecimento. Seu nome será sempre recordado com emoção, com gratidão...

RIZZONI, com seu bom e belo espirito, jamais perdeu a disposição ~~em~~ sincera de auxiliar os outros. Animava-o o amor universal dedicado ao irmão universal. "Todos os seres se criaram para amar." "O amor, profundo como o mar, infinito como o céu, abraça todas as criaturas."

ERNESTO apreciava tudo o que há de grande e belo no ser humano ---; ele era grato a todos os sinais de afeto, a todos os atos benévolos de que era objeto. Não procurava as vãs venturas terrestres. Sua vida, também nisto, parecia consonar com o pensamento de Léon Denis, que escreveu: "O que nos cumpre procurar, já não é a felicidade terrestre, pois neste mundo a felicidade não passa de uma quimera, mas sim a melhoria ~~continua~~ ^{continua} e o meio de a realizarmos é a observação da lei moral em todas as suas formas."

Somente o amor desinteressado e puro pode ser fonte de perene felicidade. Só o amor nos poderá dar doces e verdadeiras felicidades íntimas.

"Que poderá ser o homem separado dos seus semelhantes, privado da família e da pátria? Um ente inútil e desgraçado. Suas faculdades se estiolam, suas forças se enfraquecem, a ^{tristeza o} ~~tristeza o~~ invade. Não se pode progredir isoladamente. É imprescindível viver ^{com} ~~entre~~ os outros homens, ver neles companheiros necessários. O bom humor constitui a saúde da alma. Deixemos o nosso coração abrir-se às impressões sãs e fortes. Amemos para sermos amados!" (Léon Denis).

RIZZONI vivia vida calma, pacífica, tranquila, serena. Em realidade, parecia ter atingido aquele estado de ventura íntima a que se refere o nosso sempre citado Léon Denis, que diz numa passagem de seus admiráveis livros: "Ditoso quem, nesta vida cheia de trevas e embustes, caminha corajosamente para o fim almejado, para o ideal que descortina, que conhece e que está certo. Ditoso quem, inspirado em boas obras, se sente impelido por um sopro do Altíssimo. Os prazeres lhe são indiferentes; as tentações da carne, as miragens enganosas da fortuna não mais o perturbam. Viajor em marcha, só aspira ao seu alvo, e para ele se precipita!"

ERNESTO amava o estudo, a solidão. No estudo e no recolhimento sua alma se retemperava, ou, melhor dizendo, encontrava novas forças e novas luzes.

O nosso estimado e benfazejo ERNESTO RIZZONI "podia dizer no fim de cada dia: Fiz hoje obra útil, al-cancei alguma vantagem sobre mim mesmo, assisti, con-soldei sofredores, esclareci meus irmãos em humani-da, trabalhei para torná-los melhores; tenho cumprido o meu dever!"

Estamos autorizados a dizer que sua vida, inteira, foi uma obra útil, digna, bela.

Ele sempre esteve no caminho que vai ter à verdade. Soube

escolher belos e verdadeiros ideais, e a eles se cativou totalmente.

Combateu com êxito, ou, melhor ainda, alijou de sua vida as paixões, a ignorância, os preconceitos e o interesse baixamente material.

Inspirava confiança, e era possuidor de uma razão limpa e luminosa. A razão, inestimável bem, inapreciável faculdade. Escreveu Léon Denis: "A razão é uma faculdade superior, destinada a esclarecer-nos sobre todas as coisas e que, como todas as outras faculdades, se desenvolve e se aumenta pelo exercício. A razão humana é um reflexo da Razão eterna. É Deus em nós, disse São Paulo. Desconhecer-lhe o valor e a utilidade é menosprezar a natureza humana, é ultrajar a própria Divindade."

RIZZONI, ser altamente racionalizado, estava acima das bajulações e lisonjas, era superior às seduções e ameaças, bem como ao bramar das paixões. O uso constante da razão dava-lhe calma e segurança no viver. "Colocava-se acima dos vaivéns da fortuna." "Suportava com paciência os males inevitáveis que a vida engendra." "Conhecia e compreendia a causa de seus males; sabia que todo o sofrimento era legítimo e o aceitava sem murmurar."

ERNESTO era um homem bom, não um homem sever. "A severidade --- escreveu Léon Denis --- dissuade e afugenta as criaturas." RIZZONI, como dissemos, não era severo e sim indulgente, cheio de bondade e simpatia, qualidades estas que apaziguam os homens, que congregam e aproximam as pessoas.

"O homem bom exerce uma espécie de autoridade moral sobre os demais" --- o homem bom está mais perto de comover as almas do que as criaturas duras e severas. Isto é mesmo até intuitivo, fácil de compreender...

RIZZONI possuía verdadeira elevação de caráter. Era indiferente aos louvores humanos, e "colocava-se acima dos julgamentos de um mundo transitório".

"Ele fazia o bem porque era do seu dever e sem esperar nenhuma recompensa. Não procurava aí auferir vantagens. Era generoso sem cálculo."

Era muito caridoso. "Era piedoso para com os pequenos, os débeis ou aflitos, para aqueles a quem sangravam as feridas da alma ou do corpo."

"A caridade é a virtude por excelência, pois sua essência é divina." --- "A caridade, sempre doce e benevolente, reanima os corações mais endurecidos e desarma os espiritos mais perversos, inundando-os com o amor." (Léon Denis).

RIZZONI desconhecia o ódio e a vingança. Todos sentiam prazer em estar na companhia de um homem tão bom, tão paciente e afável. Um homem que era uma verdadeira jazida de paciência, doçura, prudência.

E nem é tudo. ERNESTO não se encolerizava. A cólera --- terrível paixão --- é um dos elementos ou componentes do Inferno; ~~através~~ ^{domi-} ~~através~~ dela, "o homem torna-se fera". Sob o seu diabólico ~~domi-~~ nio, "desaparece toda a dignidade, todo o raciocínio, todo o respeito de si próprio. A cólera nos cega, nos faz perder a consciência dos atos e, em seus furores, pode induzir-nos ao crime." (Léon Denis).

Com efeito, o homem prudente não se encoleriza, visto ^{que} ~~que~~ é seu apanágio possuir-se a si mesmo. O colérico é um insociável, um atrasado, não está em seu caráter possuir-se a si mesmo, o ser senhor de suas ações.

Quem é inalteravelmente bom, como RIZZONI, não se deixa tomar pela ira, pela cólera. "A bondade é a rainha do mundo", disse Bertrand Russell. "A bondade é qualidade invejável, auréola da velhice, doce foco onde se reaquecem todas as criaturas." (Léon Denis).

RIZZONI não guardava ressentimentos de ninguém, "Pairava acima dos mesquinhos rancores, e do alto é que observava as coisas". Aniquilava no nascedouro todo gérmen de inimizade. Afastava no ovo todo motivo de discórdia futura. Desprendeu-se, gradativamente, das vaidades terrestres. Nunca abandonou a estrada firme e reta.

"Suportava com calma todas as impertinências." "Repreendia com doçura, discutia sem excitação, julgava todas as coisas com benevolência e moderação."

"Palestrava com utilidade, preocupava-se com questões sérias, graves, elevadas"; "fugia das dissertações frívolas"; distanciava-se de tudo o que fosse de molde a apaixonar e exaltar o ânimo.

fe -> in - in - in

VULTOS EMINENTES DO PINHAL

ERNESTO RIZZONI

Texto de Ubirajara Rocha

VI

O nosso inesquecível ERNESTO RIZZONI foi homem de admiráveis virtudes, de inapreciáveis qualidades morais. Sua bondade era de todos os momentos, sua generosidade era incansável. Seu coração comovia-se à vista das dores do próximo. Interessava-o, sempre, a alma humana --- "a alma que sofre, que padece, a alma nossa irmã, cada vez mais digna de interesse e de afeição".

Este nosso inolvidável amigo era "paciente e indulgente; não ofendia nem desdenhava pessoa alguma; era tolerante, e, mesmo procurando dissuadir, o fazia sempre com doçura, sem maltratar, sem atacar idéias enraizadas." Em resumidas palavras, não observava, não criticava os defeitos do próximo. "Não fazia sobressair as qualidades ruins dos seus semelhantes." "Não condenava nos outros as faltas que ele mesmo estava mesmo a cometer", não obstante fosse grande a sua elevação moral, elevação que o preservava da prática de atos censuráveis. Era, em suma, mais pronto a escusar do que a censurar; assim procedendo, não teria, depois, que se arrepender de nenhum ato precipitado.

Educava-se a si mesmo, aperfeiçoava-se pelo trabalho, pelo estudo e pelo sofrimento. "Esforçava-se por adquirir o que viera procurar neste mundo: o verdadeiro aperfeiçoamento." E de tal arte obrou, que "seu ser espiritual daqui saiu melhor e mais puro do que quando entrou!"

ERNESTO RIZZONI "sustentou animosamente os combates da existência; soube viver e morrer dignamente."

Bem cedo recebeu no ^{seu} ~~coração~~ coração os sublimes ensinamentos do Nazareno. Assim espiritualmente armado e fortificado, defendeu-se das armadilhas da carne; por outro lado, ele bem sabia que "a

Terra é um campo de batalha onde a alma é a todo momento assaltada pela matéria e pelos sentidos."

RIZZONI jamais pôde encontrar qualquer deleite em divertimentos artificiais, plebeus, insulsos, mundanos. "Lutou corajosamente contras as paixões vis", contra os baixos e grosseiros apetites; pelejou bravamente em favor das causas do espirito e do coração; procurou "corrigir seus defeitos, adoçar seu caráter, fortificar sua vontade." "Elevou-se, pelo pensamento, acima das vulgaridades terrestres."

Adquiriu uma ciência profunda, e, talvez por isso, sabia que "tudo o que é material é efêmero". Ou como disse Léon Denis:

"As gerações passam como vagas do mar, os impérios se esboroam, os próprios mundos perecem, os sóis se extinguem; tudo foge, tudo se dissipa." Contudo, isto deve ser também levado em conta: "há duas coisas que vêm de Deus e que são imutáveis como ele" --- coisas que não perecem como as outras, que permanecem eternamente ---; enfim, "duas coisas que resplandecem acima da miragem das glórias mundanas: são a Sabedoria e a Virtude."

O nosso bondoso RIZZONI, ao procurar conquistar e alcançar a Sabedoria e a Virtude, "elevava-se acima do que é passageiro e transitório, gozando apenas do que é eterno."

Sim, ERNESTO sempre fez bom uso do seu livre-arbitrio. Só fez desenvolver boas tendências e elevadas aspirações. Seus atos tinham por alvo o bem e a verdade. Não se deixou enredar pelas seduções do materialismo. O materialismo afrouxa os caracteres, altera as consciências; e as paixões que ele insufla, velam, desnaturam os ensinamentos morais e religiosos.

O nosso saudoso companheiro amava, trabalhava pelo benefício alheio, enobrecia a sua inteligência e o seu caráter. Procurava a verdadeira felicidade, tornando-se melhor do que era. Atravesava as provas da existência com calma, confiança e firmeza.

RIZZONI "pugnava a todo o momento pela causa do bem e da verdade."

Possuía extraordinária força de alma. A todos considerava como irmãos --- como irmãos em humanidade. E nisso tinha imensa

razão. Disse Léon Denis: "Gerados por Deus, seu pai comum, todos os espíritos são irmãos e formam uma imensa família."

RIZZONI era profundo e sincero cultor da fraternidade humana. Devemos dizer, no entanto, que a fraternidade tem sido uma "palavra banalmente repetida por tantos lábios", mas fora dos corações. Não tem encontrado, esse belo e sonoro vocábulo, eco ou ressonância nos corações de todos.

ERNESTO, como tantas vezes temos dito e repetido, era sóbrio, comedido em desejos e gostos. Não participava de festins nem sua morada era luxuosa. Desagradavam-lhe as recepções caras e ostentosas.

Era homem pobre, no sentido material da expressão. Não dispunha de dinheiro para gastar à-toa. Não era rico em bens de fortuna. Nisso, tinha muita sorte, porque a riqueza enregelada o coração. Em outros termos: "Muitíssimas vezes a prosperidade esfria o coração".

Escreveu Léon Denis: "A pobreza ensina a nos compadecer-mos dos males alheios e, fazendo-nos melhor compreendê-los, nos une a todos os que sofrem; dá valor a mil coisas indiferentes aos que são felizes. Quem desconhece tais princípios, fica sempre ignorando um dos lados mais sensíveis da vida."

ERNESTO RIZZONI, homem moderado, criterioso, sem excesso de dinheiro para malgastar, alcançou a paz do coração. Ele dirigia-se aos infelizes com palavras animadoras, com sinais de interesse, com cordiais apertos de mão.

Respeitava o próximo, seu "irmão universal". Abstinha-se de fazer apreciações sobre os seus semelhantes, não era inclinado à maledicência; "não via nos outros mais que companheiros de sofrimentos e irmãos na luta pela vida."

Viveu vida simples, vida que o isolava das vertigens da riqueza, do luxo, da grandeza. Como dissemos e ora o repetimos, com ênfase: respeitava sobretudo o homem pobre. "O HOMEM POBRE --- disse Léon Denis --- DEVE SER SAGRADO PARA TODOS, PORQUE FOI NESSA ~~1444~~

CONDIÇÃO QUE JESUS QUIS NASCER E MORRER."

Nenhum obstáculo me impede de asseverar que ERNESTO RIZZONI era o retrato da discrição, da simplicidade. Só agia com decoro. Sempre foi bom para as funções e os deveres da vida. Sempre empreendeu o que podia em benefício público. Sabia que "os bens, os prazeres, as belezas da vida se corrompem, reduzem a nada." Estava convencido que os bens materiais não contribuem para a felicidade da vida.

Amou as letras e a filosofia. Conhecia as doçuras do estudo, os prazeres silenciosos da meditação. Saboreava os gozos da arte, gozava dos tesouros do pensamento.

Homem completo, inteiriço, sem brechas em sua natureza moral. Não existia nele simulação alguma, mostrando-se ele por fora o que era no coração. Foi sempre igual a si mesmo.

Era um homem sério, grave, compenetrado, o que não significa que tivesse um humor áspero e triste. Tinha, a bem dizer, olhos de lince para ver os próprios defeitos; parecia ter os cem olhos de Argos para visualizar as próprias imperfeições; no entanto, fechava os olhos aos defeitos dos amigos, porque sua amizade era amena e agradável, um verdadeiro refrigerio para a alma do amigo. Possuía, na amizade, a lealdade de Pilades para com Cres-tes, e vice-versa.

Repetindo o que já acentuamos em outras páginas, diremos que ERNESTO RIZZONI era portador de uma personalidade harmoniosa --- uma personalidade que jamais ^{foi} ~~era~~ presa da desordem e da confusão. Nunca se deixou arrastar ao sabor de qualquer paixão rui. Uma vez que nutria o espirito e o coração com os sublimes ensinamentos do divino Mestre de Nazaré, evitava as sendas do erro e do mal; não se submetia à Cólera, paixão fortíssima, tirano implacável que domina o coração e as visceras, nem se rendia à Concupiscência, demônio que "estende o seu império desde a mais tenra juventude até à idade mais madura", como escreveu sensatamente Erasmo de Rotterdam.

fe. S. Maria - 12/11/88

ERNESTO RIZZONI

VII

ERNESTO RIZZONI possuía grande vigor de espirito, era dotado de considerável força de discernimento. Cultivava com afeto e zelo a sabedoria; ou, para melhor dizer, "orientado pelas lições e pela experiência do mundo, entrou na feliz carreira da sabedoria". ~~Ernesto Rizzoni possuía grande vigor de espirito, era dotado de considerável força de discernimento. Cultivava com afeto e zelo a sabedoria; ou, para melhor dizer, "orientado pelas lições e pela experiência do mundo, entrou na feliz carreira da sabedoria".~~

Devemos reconhecer, lealmente, que, acerca deste precioso e admirável filho do Pinhal, ainda não falámos bastante. Devemos prestar fé e credibilidade aos que o conheceram intimamente e que poderão dizer-nos a seu respeito belíssimas coisas, fazer-nos interessantes e até surpreendentes revelação.

BERNESTO RIZZONI --- dizemos isto sem a menor hesitação --- possuía tudo que constitui a nobreza da criatura.

Jamais deixou de ser um ^{membro}~~ser~~ útil à sociedade. "Coopera-
va na medida das suas forças na obra social e vivia em comunhão

com seus semelhantes, espalhando ~~xx~~^{ao} seu redor tudo o que tinha de bom em si."

"Interessava-lhe tudo o que se realizava no mundo, tudo o que era grande e belo o sensibilizava e comovia; sua alma vibrava em harmonia com todos os espíritos esclarecidos e generosos." Geralmente não se mostrava aborrecido nem desanimado.

Como já assinalámos em outros escritos desta série, não era um adorador de Plutão, o asqueroso rei das riquezas. Isto colaborava, em muito, para o seu progresso moral. A prosperidade material não é coisa boa para o aperfeiçoamento de nossas faculdades. Escreveu Léon Denis: "O trabalho, as privações e o sofrimento desenvolvem as forças viris da alma e a prosperidade as aniquila."

Em resumidas palavras, ERNESTO RIZZONI praticava atos proveitosos à sociedade de que fazia parte --- atos desinteressados, que não eram vantajosos apenas para si próprio.

Apraz-nos, sobremaneira, frisar este aspecto da personalidade de ERNESTO RIZZONI: o seu desprezo pela riqueza, pelos bens materiais. Escrevendo acerca dos malefícios morais e espirituais acarretados pelos bens de fortuna, assim se exprime Léon Denis, excelso espiritualista, sucessor de Allan Kardec na difusão da filosofia dos Espíritos: "Da paixão pelos bens materiais surgem quase sempre a inveja e o ciúme. Desde que esses males se implantem em nós, podemos considerar-nos sem repouso e sem paz. A vida torna-se um tormento perpétuo. Os felizes sucessos e a opulência alheia excitam ardentes cobiças no invejoso, inspiram-lhe a febre abrasadora da ganancia. O seu alvo é suplantar os outros, é adquirir riquezas que nem mesmo sabe gozar. Haverá existência mais lastimável? Não será um suplício de todos os instantes o correr-se atrás de venturas quiméricas, o entregar-se a futilidades que geram o desespero quando se esvaem?"

Sim! um espírito superior, desinteressado, generoso, não ~~pode~~ afanar-se a correr empós de bens perecíveis, passageiros, ~~transitórios~~

transitórios, cuja posse constitui perigo para a saúde da alma. Porque, com efeito, "a sensualidade é quase inseparável do bem-estar", é quase um corolário necessário do excessivo conforto.

ERNESTO RIZZONI --- não é demasiado repetir esta verdade --- era o retrato da simplicidade, da sinceridade, da inteireza de coração e de espirito.

Foi homem simples, humilde em sentimentos, rico em qualidades morais --- qualidades lentamente adquiridas pelo sofrimento.

O modo de ser de RIZZONI, o estado de coisas em que vivia, eram de molde a suscitar-nos algumas importantes considerações. Assim, é para notar que tudo o que neste mundo faz a glória e a felicidade do homem é vão, ilusório, impermanente, tudo isto que aqui em baixo damos enorme apreço vai esvair-se como fumo na hora derradeira, na hora da morte. De nada valem nossas distinções sociais, de nada adintam nossos títulos, nossos bens de fortuna, nossas vantagens, nosso vão saber. Tudo isto se eclipsará no instante em que formos visitados pela ceifeira cruel, em que formos colhidos pela foice do anjo livido...

Ditoso era portanto o nosso bondoso ERNESTO, que nada tinha de voraz ambição que consome a vasta maioria dos seres humanos... Feliz também ele o era, porque não servia a dois senhores ao mesmo tempo; por outros e melhores termos, ele servia unicamente a Deus, e não a Mamom, Marte ou Priapo.

ERNESTO apreciava o silêncio, recolhia-se, constantemente, a fim de entregar-se à meditação e desvendar sua consciência. "O homem mundano, ao contrário, fica absorvido pelas ocupações frívolas, pela especulação e pelo prazer."

Salientemos isto novamente, com a permissão do leitor: ERNESTO praticava a caridade, que é sentimento e não emoção. A caridade não consiste em derramar lágrimas diante das dores e sofrimentos alheios, não é sentir doçura e ternura pelo próximo, mas ajudá-lo efetivamente, auxiliá-lo objetivamente, com fortaleza de alma e humildade, por amor a Deus e à sua justiça.

Obrando dessa forma, debaixo do verdadeiro espirito de caridade, "olhava sem distição todos os seres", era "terno, bondoso, gentil com todas as criaturas como criaturas de Deus", fazendo praticamente de tudo para minorar-lhes as condições tristes ou penosas.

Procurava ensinar a todos a paciência e a bondade --- buscava insuflar em todos a sua própria simplicidade, base ou essência de seu próprio modo de ser. Mostrava, assim, que todos deveriam ser como ele era, isto é, equilibrado e sereno, livre ou isento de toda a paixão desordenada, sem procurar satisfações sensuais desenfreadas.

ERNESTO RIZZONI tinha em si, sem abundância, o
que constitui a essência do homem: compreensão e
amor.

Ele conhecia a "bem-aventurança da posse sem apego", referida por todos os mestres espirituais. Apresentava o melhor tipo ou espécie de limpeza, que é a limpeza do coração e da mente.

Era calmo --- mantinha constante calma e tranquilidade dos sentidos. "A calma resolve", afirmam os psicólogos. "De nada adianta agitar-se diante de acontecimentos que não se pode modificar."

ERNESTO não se inquietava pois sabia, com S. João da Cruz, que "a inquietação é inútil".

Por outro lado, não era um falador, um tagarela superficial e vazio: era um homem que sempre sabia do que estava falando. Condenava com vigor o desregramento no falar.

Não tinha, também, "vã curiosidade" pelas notícias e pelos comentários de rádio e de jornal. Ler jornal e ouvir rádio é "cultivar a inquietação pelo amor da inquietação". É perturbar o espirito sem razão, sem motivo, com inquietantes itens, pontos-de-vista, opiniões transeuntes e sem nenhum valor...

Em suma, em abreviado conceito: não vivia como o homem sensual comum, imerso a maior parte do tempo num universo doméstico e verbal. Não vivia num "universo de autômatos pontuais"...

ERNESTO RIZZONI

Texto de Ubirajara Rocha

VIII

Ditoso foi o nosso brilhante ERNESTO RIZZONI, que morreu antes da chegada da velhice... Ele finou-se oportunamente, deixou-nos antes de alcançar a nestória decrepitude, isto é, antes de cair num estado que de humano só ^{possui} ~~possuía~~ a figura.

Sim! é horrível envelhecer demais, tornar-se semi-cadá-ver, entrar numa velhice achacosa e inútil; tornar-se gago, delirante, desdentado, surdo, praticamente cego --- enrugado, corcunda ou todo encurvado ao peso dos anos, sem nenhum resto de virilidade. O quadro é espantoso. O velho fica duplamente fora do mundo: no corpo e na alma. Bem melhor será morrer, antes de atingir tal estado de decrepitude abjeta, odiosa, horrenda, asquerosa, hedionda, repugnante.

O nosso bondoso ERNESTO RIZZONI recebeu insígnies dons dos supremos deuses. Era uma ótima pessoa; compreensivo, indulgente e paciente com todos; complacente e fiel com os amigos; terno, cortês e condescendente com as criaturas que o rodeavam.

Sim, pedimos permissão para repetir: RIZZONI

nasceu sob um particular auspício dos deuses imor-
tais; de outra forma não poderia desfrutar de tanta
equanimidade.

RIZZONI foi verdadeiro modelo de retidão. Arrostando com brio e valentia os trabalhos e as penas da condição humana. Tinha no peito um coração brando, era comedido no seu almejar, mostrava-se satisfeito com o que possuía. Cedo encaminhou-se ao porto da sabedoria.

~~Era simultaneamente casto e cauto.~~ Nunca se deixou transportar por vícios e paixões ^{malígnas} ~~indignas~~, indignas do sábio. Nunca foi miserabilíssimo escravo de nenhuma inclinação torpe.

Fúrias...

Em suma, a todas as espécies de flagelos e calamidades que afligem a humanidade pode agregar-se, a justo título, a sede ou febre do ouro (auricidia). Os caçadores de dinheiro são "engenhosíssimos em iludir-se a si mesmos e em tornar-se vítimas da própria obstinação." Só pensam em enriquecer-se; não pensam em outra coisa, como se seguissem o velhíssimo conselho dos fisiocratas. "Enrichessez-vous!"

Correm doidamente atrás do nobre e vilíssimo metal, precipitam-se em busca das quiméricas felicidades que o dinheiro promete dar à larga... Vivem, esses tais, sem dúvida alguma, sob as leis do Inferno.

Ficar rico é a quimérica esperança do vulgo ignorante. Sonha o miserável, continuamente, em fazer uma grande fortuna em pouco tempo.

Peço ^{ao amável} ~~XXXXXXXXXX~~ leitor permissão para me deter um pouco sobre outros aspectos da fisionomia moral de nosso preclaro e saudoso ERNESTO RIZZONI. Direi, para principiar, que RIZZONI era um tipo caseiro, reservado, tímido, concentrado sem hostilidade, afastando-se o mais que podia de recepções e festas mundanas. Não procurava nenhuma distração inferior ou divertimento sensual para iludir as horas de aborrecimento.

Era metódico, escrupuloso, cuidadoso em tudo o que fazia. Não trabalhava atabalhoadamente, sem plano de ação. Pode dizer-se que trabalhava com a exatidão de uma clepsidra --- ou, ^{se quiserem,} ~~XXXXXXXXXXXX~~ com a ~~XXXXXX~~ exatidão de um relógio suíço.

De bom grado aceitava tudo o que lhe acontecia. No tocante às relações sociais, exercia severo controle sobre a própria língua e o próprio temperamento --- vale dizer, "evitava dizer algo que não fosse caritativo ou que fosse meramente frívolo." Refrear a língua significa sobretudo não ofender, gratuitamente, ninguém...

ERNESTO agia calmamente, com uma alegria tranquila, mesmo em ocasiões amargas ou de ansiedade e de tristeza para ele.

Era, como tantas vezes já frisamos, homem imperturbável,

sem paixões. Parecia ter a "santa indiferença", preconizada por São Francisco de Sales. Era "indiferente" ao sucesso temporal ou ao fracasso da causa que defendesse, mesmo da causa "a que por ventura dedicasse sus melhores energias". Era capaz de extrair proveiro na própria derrota; em suma, sabia triunfar dos próprios aniquilamentos. Coisas são estas difíceis de compreender, mas perfeitamente reais em relação a ERNESTO RIZZONI.

Esforçava-se, denodadamente, por atingir o completo ou absoluto desapego, material e emocional, predicado por S. João da Cruz, nos precisos e claros termos desta importante passagem: "A alma que está apegada a alguma coisa, por melhor que seja, não alcança a liberdade da união divina. (Unir-se a Deus é o objetivo supremo das almas puras). Pois seja um fio forte, ou uma corda, ou um cordão, delicado que prenda um pássaro, pouco importa, desde que ele esteja firmemente preso; até que o cordão seja partido, o pássaro não poderá voar. Da mesma forma, a alma presa aos laços das afeições humanass, por mais leves que sejam, não poderá, enquanto durarem, abrir caminho para Deus."

Expressiva, belíssima e extraordinária passagem, que nos mostra que amar --- amar mesmo --- só a Deus...

"Para aqueles que buscam primeiramente o Reino de Deus e sua justiça, todo o resto lhes será acrescentado. Para aqueles que procuram primeiramente todo o resto, tudo lhes será tirado." Não obstante, continuamos a confiar no progresso, ea preferir uma agonizante e impossível existência na terra sêca a amar e ter paz em nosso oceano nativo." (Aldous Huxley).

O nosso bom ERNESTO "encontrara o Guia vivo dentro de si." Sendo fundamentalmente humilde, não censurava nem glorificava o ego, nem procurava projetar o alter-ego à custa dos outros. Sabia e sentia que tinha as mesmas fraquezas e defeitos dos demais.

Alma religiosa e pia, nunca fez ouvidos moucos --- "ouvidos de mercador" --- aos sublimes ensinamentos cristãos. Alma cheia de temperança, coragem, justiça, prudência. Muita vez teve a humildade do pó e das cinzas.

+++++

V. M. R. R. R. R. R.

ERNESTO RIZZONI

Texto de Ubirajara Rocha

IX

Prosseguimos em nosso firme propósito de compormos este ~~mosaico~~ ~~xxxxx~~ de artigos, escritos num estilo bárbaro e insuportável, especialmente destinados a revelar alguns aspectos ou facetas da admirável e inconfundível personalidade de ERNESTO RIZZONI, nosso caríssimo e saudoso amigo.

~~Posso dizê-lo,~~ ~~xxxxxxxxxxxxx~~ com convicção: em ERNESTO RIZZONI ardia o fogo da caridade. Sempre cultuou e cultivou a caridade, essa amável e divina virtude. De todo o coração professava a caridade apostólica. Amar o próximo era, para ele, preceito santo. Sabia que a observância da caridade e o amor a Deus ~~são~~ ~~xxxxx~~ em substância, a lei do cristianismo. Cristo só julgará os homens pela caridade, que, depois do amor a Deus, é o primeiro dos seus mandamentos.

ERNESTO era um homem modestíssimo, mau grado possuísse grandes e variados merecimentos. Mencionemos, superficialmente e de fugida, que refletia atentamente sobre os deveres e obrigações de um bom funcionário que era do Governo do Estado. Nunca abandonou o justo caminho da vida. ~~Nunca~~ ^{Sempre} resistiu aos prazeres malsãos, à impureza, ao luxo. Nunca desviou-se da retidão, da integridade; influia beneficentemente sobre o ânimo de muitos. "Estava suficientemente preparado para reprimir tudo o que podia seduzi-lo."

Como tantas vezes já dissemos e torno a repeti-lo, ERNESTO RIZZONI era um homem fundamentalmente simples. Quem ~~se visse~~ ~~xxxxxxxxxxxxx~~ a examiná-lo, com intellecto desarmado e puro, ~~perceberia~~ ~~xxxxxxxxx~~ logo que ele era um coração simples. Um homem puro e simples, sem complicações e artificios. "Um coração simples amará a tudo que é mais precioso na terra sem deturpar sua singeleza." Disse N. Grou, citado por Aldous Huxley: "a simplicidade cristã é a própria perfeição da vida interior."

ERNESTO era um homem simples. Mas --- não de perguntar-nos --- o que significa ser uma pessoa simples?

"Nada é mais difícil do que ser simples." Escreveu um dos maiores mestres da análise psicológica em todos os tempos, infelizmente, ao que parece, pouco citado e menos ainda estudado pelos modernos: Fénelon:

"Neste mundo, quando a gente chama os outros de simples, geralmente tem em mira uma pessoa tôla, ignorante e crédula. Mas a simplicidade real, longe de ser uma tolice, é quase sublime. Todos os bons homens que a apreciam e admiram têm consciência de pecarem contra ela; observam-na nos outros e sabem o que ela envolve; entretanto não podem, precisamente, defini-la. Eu diria que a simplicidade é uma retidão da alma que evita a autoconsciência. Não é o mesmo que a sinceridade, que é uma virtude muito mais humilde. Muitas pessoas são sinceras, mas não são simples. Nada dizem a não ser o que acreditam ser verdadeiro, e não esperam aparentar coisa alguma, exceto o que de fato são. Mas estão sempre pensando em si mesmas, pesando cada palavra e pensamento, e preocupando-se sempre consigo mesmas na suposição de terem feito muito ou pouco. Jamais se msotram à vontade com os outros, nem os outros com elas. Nada há de fácil, franco, desembaraço e natural a respeito delas. Sentimos que admirariamos melhor as pessoas se elas não fôsem tão frias e convencionais." (o grifo é nosso).

Mas nem é tudo, consoante Fénelon; continua ele: "Ficar absorvido no mundo que nos cerca e nunca olhar para dentro, como acontece a muitos que foram arrebatados pelo que é agradável e tangível, é o extremo oposto da simplicidade. Deixar-se absorver por todos os assuntos, ... é o outro extremo, que torna uma pessoa sábia no seu próprio conceito --- reservada, ^{constrangida} ~~inquietada~~ inquieta ante a menor coisa que venha a perturbar a sua autocomplacência interna. Essa falsa verdade, a despeito de sua solenidade, é tão vã e tola quanto a tolice dos que mergulham inteiramente nos prazeres mundanos. O indivíduo é intoxicado pelo ambiente exterior." (...) A simplicidade real está no juste milieu, igualmente livre de afetação e irreflexão. (...) A alma que olha para onde vai, possui a verdadeira simplicidade. Esta simplicidade é, na verdade,

um grande tesouro. Como poderemos obtê-lo? Daria tudo que possuio por ele; é a pérola mais cara das Santas Escrituras." (o desta-
que é nosso).

Retomemos o fio, interrompido mais acima.

O nosso bondoso ERNESTO, com ser simples e desataviado, não era um, propriamente, um monge da filosofia. (A palavra mon-ge significa solitário). Não era, por conseguinte, um fino pen-
sador, um filósofo triste e afastado do mundo, bem longe das exter-
nalidades da terra.

ERNESTO participava, cooperava com todos, na construção da cidade temporal. Mas não precisava do mal para viver. Muitos infelizes existem que só amam a vida para ter tempo de odiar e de fazer ^omal.

Pedimos permissão para repetirmos isto, devido à sua im-
portância: MUITOS INFELIZES EXISTEM QUE SÓ AMAM A VIDA PARA TER TEMPO DE ODIAR E DE FAZER O MAL.

RIZZONI vencia, com trabalho e amor, as espinhosas difi-
culdades da vida. O autor deste insípido escrito é testemunha de
seu infatigável labor em prol do bem, de seu acendrado fervor pela
verdade e pela beleza moral.

Não era importuno com a sua sabedoria, antes brindava-nos
ou mimoseava-nos com ~~xxxxxx~~ agradáveis conceitos. Nunca o ator-
mentou a sede de glória, "essa dulcíssima sereia". Não se importa-
va em ser elogiado, em ser elevado às estrelas. Bem sabia ele que
não bastaria um Demócrito para rir bastante dessa estulta preten-
são --- não bastaria um Heráclito para chorar bastante dessa depri-
mente aspiração.

Nunca invejou os que vivem em ociosa leviandade. Nunca
abandonou o verdadeiro para correr atrás do falso, do enganoso, co-
mo faz a quase universalidade das criaturas humanas.

~~xxxxxxx~~ Era bom e ~~xxxxxxx~~ benéfico para todos, e sua generosidade não
era manchada por nenhum interesse. Não era uma pessoa intratável e
inclinada ao mal.

RIZZONI não se limitava a cultuar os heróis morais de
sua admiração mas, sim, empenhava-se em imitá-los, ou seja, ~~xxxxxxx~~

esforçava-se por copiar as suas virtudes; seguir o exemplo e o zelo dados por eles era a sua forma de ^{culto} ~~exaltar~~ dos heróis.

ERNESTO RIZZONI, segundo a voz geral, era o retrato da tolerância, da benevolência. Para falar com franqueza, e creio que já o disse, ele não levava a mal quem dele discordasse não importa em que coisa ou assunto fôsse.

O nosso inesquecível amigo carregava, humildemente, consoante se diz, "o ramo de ouro de Vergílio", isto é, a sabedoria. Notem bem: era sábio e não pedante ou erudito. Os pedantes --- disse Erasmo de Roterdão, "estão sujeitos não apenas às cinco pragas e flagelos do epigrama grego, mas ainda a seiscentos outros."

Mil Demócritos seriam poucos para rir-se bastante dos eruditos --- mil Heráclitos seriam poucos para chorar-se dos pedantes. Palavra! não é demais...

Não será demasiado ^{reiterar} ~~reiterar~~ o que acima já dissemos: ERNESTO RIZZONI trabalhava infatigavelmente: "nunca preferiu viver ociosamente sentado a um canto do lar."

Nunca foi consumido pela avidez de riquezas. Observou, agudamente, Erasmo de Rotterdam: "há os que, vivendo pobremente, não conhecem outra felicidade senão a de enriquecer os seus herdeiros." Amontoam bens de que não gozam, bens que deixam para os outros. Perpetuamente ávidos de lucros e vantagens, curtem penosas privações, atravessam, mesmo, sombria e dolorosa miséria, movidos exclusivamente pelo fito ou móvel de enceleirar para outros gastarem; entesouram para filhos e parentes ingratos dissiparem, para descendentes pródigos e sem reconhecimento malbaratarem. Malgastam, ~~sêm~~ tino, tudo o que foi arduamente armazenado, o que foi penosamente acumulado...

Assim foi ERNESTO RIZZONI --- homem desprendido e puro, isento da atração pelas riquezas, coisa que nunca se preocupou em conquistar. Foi simples e modesto, até o dia em que, alfim, partiu para o Além, deixando-nos no árduo caminho da vida... Teve muita sorte em muito cedo ^{deixar} ~~abandonar~~ este mundo tenebroso ---- ou melhor,

dito, "este abismo de sangue, de lama, de miséria, onde o ser fica sujeito a necessidades tirânicas e inumeráveis."

Indicação de

VULTOS EMINENTES DO PINHAL

ERNESTO RIZZONI

Texto de Ubirajara Rocha

X

Esta é mais uma crônica insulsa, das muitas que temos o costume de escrever a respeito dos mais variados assuntos; de notar-se, apenas, que esta incorpora-se ao rol das que giram em torno da atraente e polifacética personalidade de ERNESTO RIZZONI, eminente e saudoso pinhalense, vulto que ainda palpita na memória da ~~cidade~~^{cidade} dos pinheirais, a nossa tão querida Pinhal, justamente cognominada de "Rainha das Serras".

ERNESTO RIZZONI, sem dúvida alguma, acrescentou mais lustre e brilho à cultura de nossa terra, ao "humanismo cultural" que se acentua cada vez mais na decente e mui leal cidade do Cardeal D. Sebastião Leme.

ERNESTO cultivou-se intensamente, espiritualizou-se através dos anos; adquiriu, com o correr do tempo, grande e sólida cultura. Tornou-se um verdadeiro sábio. No entanto, era um homem modestíssimo; em boa verdade, se dependesse dele, viveria sem ser notado, viveria na sombra...

Tinha no Cristo o seu supremo legislador moral. Aceitava, plenamente, de todo o coração e de todo o entendimento, o ensino e as máximas do Divino Mestre. Jamais pôde esquecer a beleza deste ensinamento: "a verdadeira felicidade é reservada aos brandos de coração, e não aos soberbos."

Seguia, obedientemente, o conselho de São Paulo, o apóstolo das nações: "devemos suportar pacientemente os tolos" --- devemos aguentar o nosso irmão em humanidade, o nosso próximo, ainda mesmo que ele carregue toda a pesada estupidez dos Feácios...

O nosso bondoso ERNESTO era inimigo figadal de todas as paixões ruins da alma. As paixões que ~~ele~~ não conseguia extirpar do coração, ele espiritualizava-as, sublimava-as... Muito cedo principiou ou encetou ele a pia cultura de sua alma.

Sempre saiu em busca da Sabedoria, e não da Intelectualidade. A Intelectualidade --- não será ela uma das bestas do Apocalipse? --- é assaz perniciososa porque ensoberbece o coração. A erudição esfria a alma, e é o veneno da felicidade. São Bernardo fala de um monte de saber, "monte no qual o soberbo Lúcifer fixou sua morada."

ERNESTO RIZZONI era, se quisermos exprimir as coisas com naturalidade e justeza, a prudência em pessoa, o retrato da decência.

Orientava-se excelentemente bem pela razão, pelo bom senso, pela experiência prudentemente adquirida. Pautava seus atos pela mais absoluta honestidade. Vivia, assim, infinitamente distanciado do burguês calculista e interesseiro, ou seja, do "lúcido e bem nutrido porco de Epicuro".

Sempre revelou, a meu ver, muito critério em tudo o que dizia e fazia. Não era dilacerado pelos remorsos como os faltos de sabedoria, os isentos de caridade, os fraudulentos, os mentirosos, os usurários, os ladrões, os sensuais, os sujeitos sem escrúpulos...

Não se pode pôr em dúvida que ERNESTO RIZZONI era um homem absolutamente honesto, reto, consciencioso. Creio, mesmo, que no Pinhal até as crianças sabiam disso...

Agora direi bem claramente, para não fatigar muito a atenção do leitor, que ERNESTO nutria o maior desprezo pelo vil metal. Fora do estritamente necessário, considerava como estêrco o ouro sonante. Indubitavelmente, seria do seu inteiro agrado a concepção de Papini, o qual dizia que "o dinheiro é o excremento de Lúcifer".

RIZZONI --- como já disse mil vezes --- odiava o mal e praticava com constância as máximas do Evangelho. Vivia de acordo com a lei divina, para não ter um mau fim. Em outros termos, ~~co~~

vivia segundo os preceitos da verdadeira religião, que é o cristianismo, visto não querer chegar a um fim muito triste e lamentável.

Em boa verdade, nós, os cristãos, podemos nos jactar de sermos os únicos que vivem no seio da verdadeira religião. Que nossa religião é a única verdadeira demonstrou-o, largamente, o genio poderoso de Pascal, entre outros apologistas.

Vive o cristão muito cautamente, sempre atento --- a eterna vigilância recomendada pelo Mestre ---, sabendo que o espirito é forte mas a carne é fraca. Está a vida de cada cristão entrecortada de desejos inconfessáveis, de deformidades vergonhosas, às quais deve enfrentar e extirpar, corajosamente.

Fechando esta digressão e voltando ao nosso assunto, diremos que o nosso caríssimo ERNESTO RIZZONI soube manter, bem firmes nos pulsos, as rédeas da ^{sua existência.} ~~XXXXXXXXXXXX~~ Todos apreciavam a sua inteligência nitida e clara, todos elogiavam os seus bons sentimentos. Dono de uma natureza quieta e satisfeita, mantinha na face uma constante expressão risonha e comunicativa.

ERNESTO temia, mais do que tudo neste mundo, a prosperidade criminosamente conquistada. Ele sabia que é muito alto o preço que se paga pela fortuna fraudulenta, pelo bem estar pecaminoso.

Sim! é falso ou enganoso dizer que uma criatura qualquer peca tanto e Deus, em sua misericórdia, não pune seus pecados, esquece suas faltas e crimes. Isto não é verdadeiro, porque ninguém consegue iludir o Pai Celestial. Em realidade, Deus castiga o pecador ou o faltoso, só que ele, o pecador, não sabe! Estamos, todos, sem exceção, presos a Deus. Somos cegos aos divinos mistérios. "Quando um de nós é teimoso e segue maléficas práticas, ele joga pó nos olhos do seu discernimento." É como se "uma dança de pó e mósas" toldasse ou obscurecesse a sua visão interior. (cfr. Jalal-uddin Rumi).

Ao propósito escreveu Aldous Huxley: "O mau homem que viva em prosperidade pode, por tudo desconhecer, ser obscurecido e corroído por uma verdadeira ferrugem interna, enquanto o bom homem, sob o látigo de aflições, pode obter como recompensa um processo mais rápido da evolução espiritual." Esta é a verdade xxxxxx

verdadeira --- "a verdade que liberta" --- porém nem sempre é fácil compreender os designios de Deus...

A humildade de ERNESTO vinha diretamente do seu amor a Deus. "Quem ama a Deus é humilde; amar a Deus é repudiar o amor ao eu." Isto foi dito por Fénelon, extraordinário e profundo psicólogo, que acrescenta: "Nada, senão a consciência de nossa própria fraqueza, pode nos fazer indulgentes e piedosos para com os outros." Quer dizer, a consciência de nossa pequenez, de nossa mesquinhez tem o condão de "gerar paciência para com os outros."

Eram reais a paciência e a bondade que ERNESTO RIZZONI tinha em relação a todas as criaturas. Ele tudo fazia para mitigar os horrores que cercam certas situações humanas; esse seu espírito de caridade cresceu, sem cessar, até ele exalar seu último suspiro sobre a terra...

"A bondade é a rainha do mundo" --- disse Bertrand Russell. --- "Do bem não pode derivar senão o bem" --- escreveu John Lubbock.

RIZZONI era suficientemente abnegado para lutar animosamente pelo bem e pela verdade. Ainda John Lubbock, acabado de citar: "O que semearmos, será colhido; o vício é o castigo de si mesmo, e a virtude a sua própria recompensa." --- "A bondade conduz à felicidade."

RIZZONI --- temos sempre acentuado isto --- era um moderado, um homem equilibrado, seguidor da máxima antiga: "Nada em excesso." Em grego: meden agan.

"Há uma medida para tudo" --- sentenciou Horácio.

Fazia o que tinha de fazer, sem temer as consequências. Há um provérbio francês que diz: "Faze o que deves, suceda o que suceder."

A vida austera e digna de ERNESTO prova-nos isto: "todos podemos ser o que quisermos: nobres e bons ou vis e miseráveis." "Somos inteiramente donos dos nossos destinos." Está em nosso poder sermos débeis, maus e desgraçados ou fortes, probos e felizes. "Se o homem é desprezível, o é porque quis sê-lo. Renunciou ao que poderia ser." (John Lubbock).

VULTOS EMINENTES DE PINHAL

ERNESTO RIZZONI. PESQUISADOR DO PASSADO PINHALENSE

Texto de UBIRAJARA ROCHA

O mais profundo e meticoloso conhecedor do passado de Pinhal foi, inegavelmente, ERNESTO RIZZONI, o consciencioso autor da monografia "Nossa Terra e Nossa Gente", farto e bem documentado repositório de coisas, fatos e lendas a respeito da interessante história de sua cidade, da cidade que ele mais amava no mundo.

RIZZONI era um homem modestíssimo, malgrado fosse possuidor de dons eminentes, tanto de inteligência como de coração. A despeito de ser uma criatura muito simples, possuía finura, delicadeza de trato, elegância de gestos e atitudes.

Homem de coração sensibilíssimo, reunia ao seu redor um seleto grupo de amigos, alguns muito brilhantes, que eram seus companheiros de sonhos e de ideais. Cativava a muitos, por ser um idealista extremamente inteligente e sensível, por ser um amigo declarado do estudo, das letras, do pensamento filosófico e científico.

A despeito de possuir sólida e extensa cultura, de ser um humanista com a disciplina enérgica das matemáticas, nunca foi visto exibindo um ar antipático de suficiência, de "sabichão" do tipo molieresco. Estava longe de ser um diletante, um auto-didata convencido, pretensioso; "não era homem-de-bela-palestra, que muito brilha e nada sabe".

Por viver sob as leis da razão, ^{tornava-se} ~~xxxxxxx~~ possível dar-lhe, a justo título, a láurea de fino erudito. Contudo, jamais quis sobrepor-se aos demais, jamais intentou brilhar acima de ninguém. Quem quer ser mais do que os outros termina, como disse Desidério Erasmus, por "não saber tolerar mais ninguém e de não poder por mais ninguém ser tolerado." Dessarte, "ninguém seria capaz de apreciar o genio do pretensioso e de penetrar os seus sentimentos."

Poderíamos dizer, numa síntese cruelmente abreviada, que ERNESTO RIZZONI foi um homem feito de brandura, bondade, inteireza de coração; um caráter ameno, sem nenhuma rudez, sem duras ^{arestas} ~~xxxxxxx~~

que muito agradava e aproximava de si as pessoas; um caráter tecido de generosidade muito pura e espontânea, não manchada por nenhum interesse mesquinho ou subalterno.

Em Pinhal ~~ainda~~ é voz geral que ERNESTO RIZZONI ainda não foi devidamente reverenciado pela cidade, ainda não foi louvado como merece pelo muito que fez por sua gente e por sua terra.

Era um estudioso infatigável, um escavador incansável das origens pinhalenses. O estudo ~~interessante~~ enriquecia-lhe mais e mais o seu senso do humano, a substância de ~~uma~~^{sua} alma de humanista sincero. Sendo um humanista verdadeiro, completo --- um humanista dos pés à cabeça e da cabeça aos pés --- não podia menos de ~~ser~~^{do que} um espírito modesto. Com efeito, era a encarnação da modéstia, a modéstia em pessoa, uma luminosa modéstia. A modéstia --- escreveu François Charmot, S. J., é "qualidade superior que comunica o mais refinado encanto aos talentos de um homem superior." --- "Os gênios modestos são os únicos que honram o humanismo."

Continuando a girar, como uma turbina, em torno do mesmo assunto, diremos, novamente, que ERNESTO RIZZONI, ~~XXXXXXXXXXXX~~^{sobretudo na cal-}ma da idade madura, mostrou-se muito afeiçoado aos estudos idealistas, de esoterismo, literatura oriental, poesia e arte. Gostava de percorrer o campo sublime e puro da arte, sobretudo a literária. E moralmente falando, situando-o no puro terreno da Ética, podemos assegurar, sem receio de errar, que era uma cristianíssima pessoa. RIZZONI não fazia simplesmente o bem, ele era um bom. Jamais foi pilhado ou surpreendido a afligir o próximo com obras más, com palavras más ou juízos duros, cruéis. Retribuia o mal com o bem, sim senhor, porque era humilde de coração e de espírito.

RIZZONI dignificou a cena do mundo; não lhe foi uma mancha, uma nódoa. Elogios e louvores serão copiosamente feitos a ele, mesmo quando muitos de nós já formos pó.

Ele será sempre lembrado --- e será lembrado principalmente porque não fracassou na vida. Disse, admiravelmente, Jean ~~Guikton~~ Guikton: "a história, cruel sempre, não guarda a lembrança daqueles que fracassam." Ora, quem disse aí que RIZZONI fracassou? Fracassou em quê?

Tinha ele o que se chama "um espírito inquiridor, ávido de varar as obscuridades, curioso dos enigmas, como a Bíblia o diz de Salomão." Ele não se importava com o saber em si mas, tão-somente, com a busca da verdade. Ainda por outro dizer, ele possuía entusiasmo, "que é a mola de toda a pesquisa".

Tudo isto é, eu sei, a qualidade essencial do pensador rigoroso e vigoroso, o traço do espírito puro e sincero.

Sabem-no todos os seus intimos que ele consumia horas e horas em seu gabinete de estudos, a ler e a escrever, a estudar e a meditar. Por isso, sua palavra, apoiada numa existência de contínua pesquisa, era digna de fé, era merecedora de crédito. Quem teria a coragem ou a audácia de pôr em dúvida as afirmações ou as lições de pessoa tão elevada em erudição, em saber, em profundidade?

É de boa e inteira justiça salientar que RIZZONI era ~~um~~ portador duma cultura séria e vasta, não ~~era~~ ^{era} ~~um~~ um mero "causeur" brilhante, dono de conhecimentos superficiais e periféricos.

Genuíno cristão, a idéia bela e profunda da caridade o empolgava. Era um erudito espiritual, praticando o bem e a caridade cristã, a qual, como se sabe, está colocada muito acima da simples filantropia social, da mera assistência social.

Sabia manter a sua razão "agil, disponível, aberta a tudo". Movia-se longe das "almas cativas da matéria, embriagadas pela vida". Ao homem prisioneiro da matéria, a vida divina parece um sonho vão. O homem, no seu frenético amor pela matéria, perde a recordação da sua origem celeste.

RIZZONI amava a vida mas como oportunidade para fazer o bem, criar algo de bom e de belo. Ele mostrava, claramente, que não tinha vindo a este mundo para gozar a vida, mas para servir, servir.

Possuía a lucidez da consciência esclarecida, possuía a energia da vontade adquirida na luta pela vida. De sorte que toda a bondade de seu coração estampava-se, refletia-se luminosamente nos atos de benemerência que praticava.

Sua alma era constantemente bela, poderosa. Um espírito de

luz, nesta terra onde os homens vivem como insensatos, onde todos parecem ignorar-se a si mesmos.

Resumindo: ERNESTO RIZZONI foi homem excelentissimo dentro da sua esfera. Foi completo na sua ordem. Sua vida foi bela, com alguns toques heróicos: foi uma vida de homem.

Teve um espirito dotado de boas asas. Teve fé em sua estrela, e esta não o decepcionou, estejamos certos disto. Grande foi a sua força de alma; não fugia a nada, por pior que fosse.

Distinguiu-se por sua austeridade de vida e de costumes. Sempre soube exercer sabiamente a sua vontade. Suas singularidades de homem benfazejo sempre lhe deram prestígio, sempre lhe grangearam boa reputação na cidade. Sua palavra sempre teve peso em todas as rodas sociais.

Homem forte, bem temperado para as aflições ou provações da vida. Sempre foi capaz de realizar a verdade na prática da vida. Contudo, algumas vezes, por certo, essa fonte calma, plácida deveria, no fundo, arder em silêncio; deveria queimar por dentro como uma fomalha: seria a sua luta contra o mal, a sua vontade ardente, mal contida, quando se tratava de reparar uma injustiça ou lutar pela vitória do bem, pelo triunfo da verdade.

Inscrição 2.ª

ERNESTO RIZZONI, UM DEVOTO DAS COISAS PINHALENSES

Cabe-nos todo o direito de dizer de ERNESTO RIZZONI que ele foi e ainda é, stricte sic dicta, o melhor e o maior historiador de Pinhal. Ele era um escritor animado e interessante, sóbrio de linguagem, e tinha em alto grau espirito histórico. Possuía, realmente, espirito de historiador, no sentido científico da palavra, explicando fatos antigos e interpretando as intenções que animaram os atores ou protagonistas da história, chegando, mesmo, a dar as probabilidades deste ou daquele acontecimento.

RIZZONI foi um espirito assás laborioso. Um cérebro que permaneceu até o fim como uma oficina em trabalho permanente. Uma ~~usina mental em constante e perpétua atividade~~ usina mental em constante e perpétua atividade

Era bem singular a sua clarividência, a lucidez do seu espírito. Possuía, a falar com propriedade, vida superior, animada por uma missão criadora. Para ele, saber era poder, amar era criar.

Muito cedo manifestou fortes pendores para o estudo. Em outros termos, foi muito precoce sua vocação para o estudo. Sempre esteve muito acima de sua idade; bem depressa mostrou o alto nível que seu espirito atingiria em breve porvir, em próximo porvir.

Não hesitamos em afirmar que RIZZONI foi um historiador qualificado, movendo-se, com desenvoltura, no terreno positivo dos fatos; cronista imparcial e puro, escrevendo para um publico instruido, sabia expor com clareza, com serenidade. Suas páginas são claras, flexiveis, secas ou enxutas, tão descarnadas, às vezes, como as páginas de boa prosa prosa francesa.

ERNESTO RIZZONI, por muitos motivos e a justo titulo, é digno de que se lhe escreva uma biografia sábia.

Continua ele ainda bem vivo em nosso espirito. Não me esquece a sua figura simples e modesta, irradiante de bondade e gentileza.

Homem sincero, sempre animado de ^{bom-vontade} ~~boa-vontade~~, de boas intenções. Era, verdadeiramente e esplendidamente, um ser eumólpico, quer dizer, banfazejo, regenerador de homens e costumes.

Teve atuação firme e eficaz, neste vale de lágrimas onde todos fomos absurdamente jogados. Deixou imperecíveis recordações, neste abismo de dores e misérias que é a Terra.

RIZZONI captou a simpatia de muitos, cativou a tantos bons espiritos, devido principalmente à sua modéstia natural. Era um homem fundamentalmente bom, espiritual; e foi cidadão irrepreensível, amigo fiel e desinteressado.

Todos se sentiam bem em sua companhia. Era de bom nascimento, pois descendia de família considerada e limpa.

Seu olhar brilhava de espirito, seu coração irradiava sobre nós a sua infinita indulgência.

Foi mais, bem mais que um cidadão recomendável, prestan-te, útil à comunidade; foi, desta, um distinto ornamento, um dos seus mais ilustres membros, um elemento efetivamente dinâmico e progressista, um batalhador que, sem descanso, trabalhou para o maior desenvolvimento e brilho de sua cidade.

RIZZONI, com sua misteriosa e brilhante personalidade, ficará para sempre incorporado ao que se tem chamado, com acerto e propriedade, o humanismo cultural de Pinhal, do qual fazem parte figuras da mais alta representação intelectual e artistica.

Mostrava interesse, com frequência renovada, pelo progresso de Pinhal. Seu amor pela terra natal era um sentimento vigoroso e rico. Pretendia ele, se assim posso afirmá-lo, derramar luz sobre todos os cantos e recantos da História de Pinhal. Aliás, esta tem sido a tônica que a sequência deste descorrido escrito tem explorado.

Agora uma confissão: foi-me dada a graça, a fortuna de receber a estima de um espirito tão superior, de ser por ele tratado com benevolência, com complacência. Conheci-o bem; existia nele

segurança, uma gravidade calma, equilíbrio interior, firmeza da alma. Seu rosto era sereno: "O espiritual tem a sua expressão no rosto" --- escreveu Kierkegaard, numa de suas páginas mais densas. E mais: "o espírito tem sempre história", acentua o mesmo filósofo, refletindo-se ou manifestando-se na face do homem.

Dia-a-dia sua individualidade avançava na idade e no crescimento espiritual. Sua personalidade abria-se como um leque, podendo ser apreciada ou analisada debaixo de diversos prismas.

Para não ferir, não magoar ninguém, RIZZONI costumava ocultar, disfarçar, o mais que podia, o seu talento, a sua indiscutível e inegável superioridade intelectual. Podemos afirmar, sempre e sempre, que ele escrevia de maneira chã sobretudo para não machucar a mediocridade alheia. Torno, neste ponto, a cair em ~~esses~~ minha afirmativa anterior de que ele cultivava, com absoluta humildade, o bem-amado esforço de escrever, de pensar, de meditar. Tudo isto ele fazia estando a mil léguas do orgulho, da afetação, da jactância peculiar aos mediocres, aos fátuos e pretensiosos.

Homem frugal, moderado, não tinha o gosto do abuso em nada. Tudo fazia sob a luz do espírito. Se quisesse exprimir-me como um grego, diria que "o (seu) espírito estava presente ^{e muito} ~~em tudo~~ presente em tudo".

Homem comedido, falava pouco, mas seus dizeres eram geralmente sábios. Pergunta-se, neste ponto: Que proveito se tira em falar ou em guardar silêncio? Colhemos em Kierkegaard esta sentença: "Falar ou ficar calado pode ter consequências contrárias àquilo que se queria."

No remate de sua bela e rica existência poderíamos concluir que ele deixou-nos o que se pode chamar de --- "a eficácia do exemplo".

Um exemplo, um modelo, um farol a seguir, pelos tempos a fora --- eis ERNESTO RIZZONI, em breve síntese de sua vida.

Sua experiência foi vasta, bastante rica; dela muito temos que aprender.

RIZZONI, como acima deixamos frisado, foi um sisudo pesquisador da História de Pinhal, tendo escrito um bom livro sobre ela. Isto ^{leva-nos} ~~deve-nos~~ a refletir sobre que disse Sérgio Kokis: ~~que~~

"Escrever um livro é uma forma de agir sobre a realidade."

Este ^{paciente} ~~xxx~~ estudioso nada tinha que lembrasse um pedante solitário. Seu espírito, através do longo e constante estudo, conquistara uma elasticidade que o capacitava a tratar, com brilho, dos mais diversos e sérios assuntos. Trouxe o esclarecimento a mais de uma pessoa.

RIZZONI tinha arraigado em si o sentimento do belo, do justo, do bom; nada saciava a sua curiosidade estética. Por isso ele apresentava sobre a maioria, um mais --- um plus ---, positivo mas dificilmente definível, dificilmente caracterizável.

Humanista por vocação e não por mera atitude estética, interessava-se, realmente, pelo destino das criaturas, sobretudo pela sorte dos amigos e companheiros. Faremos bem se efetivamente realçarmos a sua constante preocupação com o homem e o seu destino. Sabia ele, perfeitamente, que: "Nenhum homem é supérfluo, visto que todo indivíduo é ele próprio e a humanidade." Kierkegaard.

Por fim, acabou a história visível de ERNESTO RIZZONI, para começar sua presença invisível entre nós.

21/10/91 - Dal

ERNESTO RIZZONI, O TÁCITO PINHALENSE

Com efeito, o distinto historiador pinhalense ERNESTO RIZZONI pode ser considerado, mutatis mutandis, --- isto é, mudadas aquelas coisas as quais devem ser mudadas --- como o Tácito local, o Tácito da História de Pinhal.

RIZZONI agradava como escritor e cronista. Parecia trazer dentro de si algum ligeiro Ariel, um espirito alado, aéreo. Possuía este eminente predicado: a naturalidade de linguagem. Naturalidade: elemento dos artistas perfeitos --- "suprema magia do artista de raça".

ERNESTO não escrevia por dinheiro; só escrevia devido ao seu imenso amor à literatura e à verdade. Espirito puro, caldeado pela emoção, pela paixão criadora. Escrevia graciosamente na imprensa local, esbanjando seu talento em cintilantes crônicas e artigos.

Moço pobre e modesto. Não tinha bens de fortuna; homem honestamente pobre, decentemente sem recursos financeiros; satisfazia-se em levar uma vida simples e modesta de funcionário público. Dessa forma, nada lhe era possível edificar de importante para a cidade, no sentido material da palavra. Apenas intelectualmente ele é vulto ou figura de grande projeção local, de sensível importância e significação para os seus conterrâneos.

Soube traçar, com vigor enorme, com ~~lapis forte~~ ^{lapis forte} ~~traços ríspidos~~, cenas e perfis de "sua terra e de sua gente". Escreveu sobre o passado da cidade e do município animadas e pitorescas narrativas, fadadas a sempre serem lidas com agrado pelos pósteros, ainda mais do que o foram por seus contemporâneos.

Homem bom, boníssimo mesmo, não alimentava animosidade contra ninguém. Espirito calmo, pacífico, silencioso, decerto estava

firmente persuadido desta antiga verdade: "Da árvore do Silêncio pende o seu fruto, que é a Paz."

Alma sem nuvens, cheia de harmonia, bela em sua cristalina transparência. Malgrado fosse possuidor de atributos elevados, isto é, isoladores, no sentido humano comum, jamais teve a intenção de ferir alguém, com a sua superioridade pessoal.

Alma nobre, idealista, sofredora. Embora sofrendo, sabia conter-se; exercia soberano domínio sobre suas emoções. Suportava e calava, como os estóicos; enfrentava a vida, com serenidade e impavidez, a despeito de a vida ser feita somente de trabalho e dor.

Assíduo leitor de livros esoteristas, conhecendo as sublimidades verdades do ocultismo, não se exaltava, não se encolerizava; no fim de seus dias, era provável que tivesse renunciado à tortura dos desejos, a fim de exclusivamente buscar o aprimoramento das forças morais. Automortificava-se, para alcançar a perfeição moral.

RIZZONI foi uma bondosa figura de humanista --- um humanista que não aceitava as brutalidades da existência, que repelia as injustiças do mundo. Devia, certamente, considerar magistral, ~~esp~~ esplêndido o ensino paulino: nolite conformari huic saeculo --- quer dizer, "não vos conformeis com esse século" - São Paulo, "Epistola aos Romanos", XII, 2.

Cristãmente, ou mesmo evangélicamente, vivia no mundo mas não era do mundo. Este triste mundo material que ele desprezava. Era de concluir-se, por conseguinte, clarissimamente, que ele devia conservar-se indiferente, astralmente alheio, aos miseráveis acontecimentos do dia, às sórdidas vilanias do cotidiano. Seria, quem sabe, até a-histórico, neste sentido de se negar a participar das agitações da época.

RIZZONI podia ser pobre por fora mas era rico, riquíssimo por dentro. Havia dentro dele a planta fascinante de sua personalidade. Uma personalidade capaz de gozar o belo, com aptidão para os prazeres elevados. Ouçamos as palavras de Schopenhauer: "Aquilo que somos, isto é, a nossa personalidade, não nos pode ser arrebatado. A personalidade é um valor que se pode chamar de absoluto, em contraste com os demais, que são apenas relativos."

A personalidade é a fonte ou o seio nutriz de toda a nossa felicidade ou infelicidade. Disse, ainda, o mesmo filósofo alemão acabado de citar: "Se a personalidade for de má contextura, todos os prazeres serão como os vinhos generosos em boca impregnada de fel."

RIZZONI não era extravagante, levava vida frugal, morigerada e simples. Era muito cuidadoso de sua saúde, tanto física como mental e moral. E tinha imensa razão, porquanto a saúde é o maior dos bens. A respeito da saúde disse Schopenhauer: "saúde sobrepuja de tal modo os outros bens, que um mendigo são é, em verdade, mais feliz que um rei enfermo."

ERNESTO --- todos sabiam disso em Pinhal --- evitava, cuidadosamente, sabiamente, todos os excessos e extravagâncias, fugindo de todas as emoções violentas e desagradáveis, perigosas à saúde ou à higidez física e mental.

RIZZONI foi, sem exagero, uma cabeça superior, um espírito de luz. Como tal tinha grande necessidade de aprender, imperiosa necessidade de estudar, de conhecer, de meditar, de analisar. Tendo intelecto superior, sua vida intelectual era, necessariamente, elevada. A vida da inteligência era-lhe um escudo contra as más influências do meio, contra as más companhias, contra os perigos da existência, os seus prejuízos, acidentes, dissipações de toda a ordem. Refletindo muito, fugia de tudo quanto era pernicioso ao desenvolvimento de seu ser.

Havemos de sempre recordar o vulto deste venturoso amante das letras e da filosofia, deste homem tranquilo que tanto admiramos e ainda pranteamos, sentidamente, o desaparecimento.

Nunca perdeu sua pureza interior, ainda mesmo em horas de real abatimento. A pureza era uma de suas leis invioláveis. Escreveu Holderlin: "A pureza é a lei suprema do artista, que cuidará de manter puro, não o invólucro e sim o espírito que o encerra."

RIZZONI partiu antes de dizer tudo o que tinha para dizer. Entendemos, em nossa insignificância, que só deve partir e deixar o baixo nível do real aquele cujo espírito tudo já falou, ou que nada mais tem de substancial para dizer.

ERNESTO RIZZONI era uma pessoa tão boa, como não é fácil encontrar: perdê-lo foi uma enorme, uma imensa perda. Sua vida foi tão equilibrada e sã, que chegou a ter, por momentos, o harmonioso equilíbrio da poesia.

Como um poeta colheu, por vezes, "a divina flor, a terna flor da serenidade". Ele foi poeta sim, como não: poesia, em grego poiesis, significa "criação", e ERNESTO foi realmente um criador, um plasmador espiritual.

Homem de razão amadurecida, criatura espiritual em alto grau, pairava sobre o materialismo e a confusão do nosso mundo.

Muito estimado na cidade, principalmente porque era uma pessoa serena e inteligente, que se deixava guiar pelo leme da inteligência.

ERNESTO RIZZONI --- ainda voltaremos a falar sobre ele, comovidamente --- amou como ninguém a terra que o viu nascer, a terra que um dia haveria de cobri-lo!

Ernesto Rizzoni

VULTOS EMINENTES DE PINHAL

ERNESTO RIZZONI, BRILHANTE LETRADO PINHALENSE

Texto de UBIRAJARA ROCHA

Não vai nenhum exagero nesta afirmativa: ERNESTO RIZZONI foi, em realidade, um erudito, um completo homem de letras, um historiador excelente, com ampla e rigorosa visão retrospectiva, um pesquisador incansável da História de Pinhal, desde os seus primórdios.

Posso aventurar-me a indicar, aqui, ligeiramente, alguns traços de seu caráter sobremodo benévolo.

Diremos, para principiar, que cedo, bem cedo RIZZONI penetrou no mundo do espirito, queremos dizer, num mundo de coisas delicadas e elevadas. Possuía, também, em grau bastante elevado, a modéstia dos verdadeiros sábios. A modéstia era, sem dúvida alguma, uma das suas mais distintas qualidades.

Ele foi, note-se bem, um homem de muita prudência e reserva. Afastava-se, cautelosamente, dos insensatos, dos febrilmente apaixonados, dos que obravam inferiormente, desordenadamente, em qualquer sentido que se pudesse tomar esta palavra.

Homem simples, ^{sereno,} ~~modesto~~ comedido, falava a todos com a boca sem cólera. Abstinha-se de alimentar ressentimentos contra os que, voluntária ou involuntariamente, viessem a causar-lhe sérios desgostos ou aborrecimentos. Assim procedia porque conhecia os efeitos perniciosos do ressentimento, esse "tóxico que envenena a membrana gástrica", fonte ou origem de doenças graves e de difícil cura... Por outro lado, não era femenilmente rancoroso e vingativo; agia como se conhecesse a sentença de Nietzsche: "o rancor e o desejo de vingança derivam da fraqueza."

Era assíduo leitor de obras espiritualistas, a cujos sublimos ensinamentos assimilava, meditava ^e ~~mas~~ seguia, isto é, aplicava no fluxo plácido, sobremodo sereno, de seu viver prático, habitual.

Sabia sofrer pacientemente; não ignorava que a inteira existência do homem sobre a Terra não é senão trabalho e dor. Cada um de nós tem o seu quinhão de sofrimento para padecer, a sua cruz

para carregar.

Intelectualmente falando, pensava e escrevia alheio às regras de qualquer sistema: o sistema separa, divide --- "um sistema é sempre um muro" e não uma ponte que aproxima, congrega ou une as pessoas. Era assim tudo, menos um espírito sistemático.

Já frisámos alhures que ERNESTO RIZZONI à pesquisa histórica se entregou de toda a alma. Seu espírito de historiador possuía originalidade, atrativo e medida. Escrevendo bem, sempre evitou o que há de vaidoso e superficial nos escritores. Escolhia suas palavras com infinita sobriedade e cuidado. Por vezes sua prosa tornava-se poética: "como os anfíbios, ai sua linguagem vivia em dois mundos: o da prosa (seco, enxuto) e o da poesia (alado, arielico). Era, enfim, uma prosa imaginativa, com "giros cheios de arte".

A nobreza da sua linguagem era perfeitamente natural. A naturalidade de sua prosa elegante, bem cuidada era algo fundamental do seu próprio ser.

E temos a certeza de que, se mais vivera entre nós este incansável ~~investigador~~ ^{investigador} de nossa história, muitas belas produções haveriam de sair de sua pena; seriam, sem sombra de dúvida, brilhantes, belos e opimos frutos de sua inteligência, estrelas tranquilas do labor fecundo do seu espírito. É de justiça dizer, ^{sem} ~~que~~ ~~XXXX~~ ~~ERNESTO RIZZONI~~ circunlóquios, que ERNESTO RIZZONI sabia manejar a pena, era bom escritor, rico em palavras, forte nas descrições, atraente nas dissertações, fértil em formas finas de narração.

Realizou-se a si mesmo este homem ponderado, este culto homem. São as constantes vivências e as repetidas experiências que fazem uma alma, que constróem um caráter, uma personalidade. Cada um forma a sua alma, ou, melhor, elabora-se a si mesmo, ao longo ou através da existência. Há almas não desenvolvidas, que permanecem estacionárias, que se conservam rudes, incultas, primitivas --- almas, por vezes, embrutecidas, animalizadas, podendo chegar a se tornarem monstros, almas demoníacas... Almas abismadas na não-liberdade, bestiais...

RIZZONI --- não vacilamos em afirmar --- foi um homem puro. Sendo puro, passou despercebido pela maioria dos que o cercavam. Somente o espírito reconhece o espírito. Disse, muito bem Friedrich Holderlin, em intuição genial: "Dificilmente os mortais reconhecem o homem puro." Isto concorda, plenamente, com o que asseverou Stefan Zweig: "É um enigma o que nasce puro. E assim como nasceste, assim ficarás."

ERNESTO não se ocupava do "superficial do seu ser"; ~~desse~~ dessarte, ao escrever, escrevia com toda a sua alma, com todo o seu amor, sendo esta, talvez, a razão por que seu estilo possuía tanta força, tanta lucidez.

Uma grande vantagem para RIZZONI era ele ^{viver} ~~nessa~~ num cenário íntimo harmonioso; o seu lar era tranquilo, ameno, inspirador. As ^{paredes} ~~paredes~~ desse lar bem formado interceptavam ^{completamente a} ~~absolutamente~~ a entrada da malícia humana, das pérfidas intrigas do mundo...

No mundo externo, banal e impuro, RIZZONI empregava o idioma corrente da vida real, a fim de fugir ao inevitáveis atritos com a vulgaridade. É penoso viver ^{oprimido} ~~oprimido~~ pela ~~uma~~ mediocridade; viver espessamente oprimido pelos invejosos é o tormento dos escritores e poetas na vida burguesa.

ERNESTO teve na vida --- ninguém pode dizer que não --- a sua hora plena, a sua hora de glória, de realização pessoal. A verdade é que chega, para todos, a sua hora de afirmação pessoal. É tal como disse Stefan Zweig: "Quase sempre o coração do homem permanece adormecido, como uma semente que estivesse envolta na sua casca inerte, até chegar a hora da sua eclosão."

Interiormente ERNESTO sonhava com um mundo superior de pureza e espiritualidade, mundo, devemos dizer, não ^{encontrável} ~~facilmente~~ ~~facilmente~~ ~~facilmente~~. Parecia justificar o sublime dito de Holderlin: "Tu silencias e sofres, porque não te compreendem, ó nobre espírito; olhas a terra e te calas, porque em vão procuras os teus na luz do sol, pois essas almas grandes e ternas não existem em parte alguma."

De outras vezes, dir-se-ia que "os acontecimentos passavam apenas como nuvens rasadas ou sombrias sobre o espelho de sua

alma, sempre serena. E nada do que lhe sucedia conseguia atravessar seu espirito."

E nem é tudo: "o que conquistava ou o que perdia parecia não influir na sua vida interna." O sofrimento purificava a sua alma e aumentava a sua força criadora." Com efeito, o espirito do homem sereno não se deixa perturbar pela imprudência ou injustiça dos homens. "Quanto mais sofre um homem, tanto mais profunda se faz sua força." A dor é escultora, modeladora de caracteres. E porque sofreu, ERNESTO pôde produzir páginas cheias de elevação, trabalhos cheios de força e de beleza.

Sim --- já o dissemos antes --- RIZZONI sabia suportar a dor, a mágoa que lhe infligiam, colhendo desse heroísmo cotidiano, dessa diária abnegação, a força e a elevação para temperar o seu caráter. A dor é forja de grandeza; a dor, estoicamente suportada, é altamente benéfica ao espirito. Ouçamos estas nobres sentenças de Holderlin, luminoso genio que tanto sofreu: "Nunca havia eu experimentado, como uma verdade, essa palavra antiga e infalível do destino que nos diz que uma nova felicidade se abre em nosso coração, ao suportar a negrura da dor; essa palavra que nos diz que é somente na profundidade da dor que surge e ressoa divinamente o canto vital do mundo, do mesmo mundo ^{em} ~~que~~ se ouve nas trevas o canto do rouxinol."

"Quem caminha sobre sua dor, caminha para as alturas."
Marcha acima da sua própria vida.

Ernesto Rizoni

VULTOS EMINENTES DO PINHAL

ERNESTO RIZZONI, MODELO DE HUMANISMO INTEGRAL

Texto de UBIRAJARA ROCHA

Foi, sem nenhuma sombra de dúvida, o nosso presado e prezado amigo ERNESTO RIZZONI, um belo exemplo ou admirável protótipo de humanismo cristão, de humanismo integral, para usar a terminologia de Jacques Maritain, grande pensador dessa França de grandes pensadores.

Necessário se faz frisar, antes de mais nada, que ERNESTO RIZZONI é figura impar na história da cidade de Pinhal, é um puro e alto modelo de dignidade humana, de integridade pessoal e que, por conseguinte, não pode nunca seu vulto ser sepultado sob a pesada pedra do esquecimento. Por outro lado, cumpre aos bons pinhalenses o dever de preservar tudo aquilo que, no passado, é digno de ser conhecido e conservado.

Principiaremos nessa dissertação com a afirmação, que não pode ser contestada por ninguém, que RIZZONI sabia escrever admiravelmente bem, ou, por ^{outras} ~~muitas~~ palavras, escrevia com correção, com clareza, naturalidade e pureza. Com belo e simples estilo compunha páginas históricas por todos admiradas.

Estamos firmemente persuadidos de que estas considerações destronam quaisquer outras não baseadas na realidade histórica, na realidade empírica. Todos ou quase todos, em Pinhal, tinham a certeza que ERNESTO RIZZONI estudava com afinco sobretudo a história de Pinhal, sendo, pessoalmente, um verdadeiro poço de virtude, modestia e paciência.

RIZZONI conhecia, igualmente, as filosofias orientais, máxime a filosofia Vedanta, ou filosofia mística da Índia. Bram-lhe familiares livros profundos escritos a respeito de Buda, Lao-Tse, Confúcio... Cristo estava no centro de sua alma e de seus estudos.

Evitava RIZZONI, cuidadosamente, em não baratear a sua cultura, entregando-a, infantilmente, aos indignos de conhecê-la, aos que viviam nas trevas da ignorância. Seguiu o preceito de ~~da~~

Jesus e também expressa advertência contida no Evangelho Segundo São Tomé: "Não deis as coisas puras aos cães, para que não as arrastem ao lodo. Nem lanceis pérolas aos porcos, para que não as consumam."

Há, indubitavelmente, no meio social, um constante pulular de cães zombadores e de porcos desprezadores, prontos para dilacerarem entre os dentes as mais puras e elevadas verdades. Pobre homem telúrico e ainda vivendo mergulhado na noite da ignorância.

O homem espiritual muito sofre na presença ou na companhia da gente medíocre, da gente abjeta que povoa os cantos e recantos ou desvãos da sociedade. Como disse o Prof. Huberto Rohden: "Aos olhos dos profanos, os homens espirituais são cegos, coxos, aleijados, pobres, o rebotalho da sociedade. Quem não corre atrás dos bens materiais, prazeres carnaís e divertimentos sociais é considerado um tolo, digno de compaixão."

RIZZONI, em sendo ~~XXXX~~ espiritual, em sendo interiormente puro, não suportava a proximidade das criaturas carnaís, grosseiras. Foi o mesmo e citado Rohden quem disse, acertadamente: "Quem é puro por dentro dificilmente tolera as impurezas de fora; mas quem é internamente impuro encontra impurezas por toda a parte --- mesmo lá onde não existem."

Apenas acontecia que, sendo puro, compreendia e perdoava as impurezas alheias. Assim procedia porque era bom. Era jubilosa-mente bom, ele gostava de ser bom ---; não era dolorosamente bom, bom por um forçado e maldito dever e sim por um espontâneo e bendito querer.

Homem calmo, sereno, equilibrado, imperturbável, livre de qualquer servidão --- eis como era ERNESTO RIZZONI. Homem muito contido e concentrado, neste "nosso mundo de tremenda dispersividade". Dono de raras qualidades, possuidor de ténues preciosos dons: humildade, sinceridade, paciência, probidade, não-violência, pureza, fidelidade, constância, fortaleza, autodomínio, amor à verdade, reverência em face do sagrado. Tudo isto devia ser sumamente agradável à visão dos deuses imortais.

ERNESTO não odiava ~~xx~~ a ninguém, não ~~disturbava~~ molestava, não ~~disturbava~~

perturbava nem ofendia quem quer fosse; não era um incômodo, um peso ou um fardo para o próximo. Citemos aqui, por apropriadas, as palavras de sabedoria da Baghavad-Gita: "Quem não quer mal a ser algum, quem é benévolo para com todas as criaturas; quem a ninguém ofende neste mundo, nem se sente ofendido por ninguém --- esse me é querido. Assim falou Krishna a Arjuna."

Digamos tudo em síntese inteligente, simples, convincente: ERNESTO, intimamente, só poderia ser luz e pureza. Homem de visão espiritual, somente a verdade poderia ser o alimento de seu espírito. Escreveu Huberto Rohden: "a única força libertadora do homem é a verdade devidamente conscientizada, isto é, a visão clara da realidade sobre si mesmo, o auto-conhecimento." Disse Cristo: "conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." Novamente Rohden: "Todas as misérias do homem vêm da falta de auto-conhecimento, da ilusão sobre a sua verdadeira natureza --- e toda a felicidade do homem vem da visão intuitiva sobre si mesmo."

O auto-conhecimento, ou a verdade sobre si mesmo, transfigura totalmente a natureza do homem. Produz-lhe a metanóia paulina, ou seja, uma profunda transformação espiritual. O homem integral, ou auto-realizado, é o que concretizou, plenamente, o imperativo categórico do "nosce te ipsum", o ideal delfico ou grego do "gnothi seauton": "conhece-te a ti mesmo".

~~Quem se desconhece a si mesmo acaba se perdendo... Segundo~~
~~XX~~
Lao-Tse, "quem se desgasta, quem se dissipa e dispersa, esse vive em vão."

~~RIZZONI~~
~~XXXXXX~~ vivia na essência das coisas, procurava-as e analisava-as. Ainda Lao-Tse, no seu profundo "Tao Te King": "Quem vive na essência não se prende a nenhuma aparência."

RIZZONI jamais ignorou que os homens precisam viver em sintonia com as leis do Universo.

Foi, como já dissemos inúmeras vezes, um homem de tocante simplicidade. Disse Lao-Tse, na supracitada obra: "toda a nobreza radica na simplicidade". Modesto e simples, jamais "quis brilhar como pedra preciosa" --- cintilar como uma jóia ao sol.

Na realidade, quem tolamente se vangloria acaba nisto:

"cai por terra, como uma poeira sem valor."

RIZZONI era homem paciente, determinado, desprendido; vivia sem preconceitos, sem ódios, sem temores; era nitidamente, visivelmente, incontestavelmente, cristocêntrico.

Poderia dizer como o Salmista: "Tenho posto o Senhor continuamente diante de mim."

Homem da profundidade, da essencialidade, e não como o homem comum, não-espiritual. Comentou Rohden, com acribia filosófica: "O homem não espiritual é superficial, flutuando e boiando na superfície das coisas ilusórias do ego..."

ERNESTO --- permita-se-nos repetir isto --- instrua-se sem cessar, iluminava-se ^{de} ~~seu~~ contínuo, através de assíduas leituras e da minuciosa observação da vida. Como disse Rohden: "Ninguém pode expulsar as trevas sem acender uma luz."

Por assim proceder jamais estagnou na sua evolução, jamais estacionou nem marcou passo na linha asnesional do seu progresso interior, rumo à Perfeição Infinita: Deus.

Deus, eis a sua meta suprema, a finalidade de sua vida. Escreveu Huberto Rohden: "O homem sem Deus é um corpo sem alma, um cadáver."

ERNESTO RIZZONI --- podemos afirmar isto, porque sabemos --- cedo se cristificou, isto é, cedo passou a beber a água da fonte das águas vivas: Jesus de Nazaré. Cedo passou a orientar sua vida pelas grandes e eternas verdades do Crsito e do Cristianismo.

Leção 10 - 12/10/19

Texto de UBIRAJARA ROCHA

Não receio em fazer esta afirmação, não experimento a menor ~~hesitação~~ ^{hesitação} em enunciar esta declaração: ERNESTO RIZZONI, na maturidade da sua vida, ~~transformou-se~~ ^{tornara-se} um homem realmente cristico, isto é, cósmico, integral.

Aliás, para comentar o caso com arguto raciocínio e lucidez filosófica, não vacilamos em dizer também que ele sempre esteve na iminência de cometer o que os autores espiritualistas chamam de "egocídio" --- ou morte voluntária (auto-provocada) do ego ~~ilusório~~ ^{ilusório}.

RIZZONI era substancialmente, incuravelmente, visceralmente, irremediavelmente bom. Bom nos tecidos mais profundos, nas entranhas, nas raízes subterrâneas do seu ser. Em sua bondade nada apresentava de comum com o homem profano, com o homem material, não-espiritual e a-espiritual. Bem ao contrário do homem comum, egocêntrico e material, cuidava de aumentar a vitalidade da sua essência interna. Com efeito, é assim que procede todo homem cristico.

Sua cristificação era-lhe uma atitude permanente do espírito, não se traduzia em lampejos intermitentes, em atos transitórios de devoção ou religiosidade. Seus atos de fé cristã eram continuos e não meramente esporádicos; ele agia, sempre, como cristão, em todos os atos de sua vida diária.

RIZZONI viveu com absoluta dignidade e decência os poucos decênios de sua vida terrestre.

Foi bom e fiel zelador da lei moral. Assim agia por convicção interna e não apenas para satisfazer convenções externas. Foi um retraído, um homem solitário --- nada tinha de parecido com o homem social, com sua constante frivolidade, com sua habitual ou permanente dispersividade.

Seu isolamento, seu retraimento, sua solidão não eram prejudiciais a ninguém. Como disse o Prof. Huberto Rohden: "Somente um homem solitário em Deus pode ser proveitosamente solidário com

os homens."

RIZZONI era um homem espiritualmente fecundo. Evoluia sem cessar, em sua individualidade interna. Na verdade, o homem que não evolui, que estaciona; o homem que não se desenvolve intimamente, que não se ilumina; um homem assim embotado vive em vão, é, no rigor da expressão, um **FALIDO**.

O homem ordinário, comum --- o homo typicus, medius, constantissimus ---, que forma a quase totalidade do gênero humano, nada ou quase nada entende das coisas espirituais. No ocidente, é ele, tão-apesas, formalmente cristão --- cristão nominal, de fachada. ERNESTO RIZZONI, como acima ficou devidamente frisado, era cristão internamente, não apenas externamente; era cristico e não formalmente cristão; não era apenas nominalmente cristão pois vivia de conformidade com o espírito do Cristo; era mais que ritualmente cristão pois em Cristo vivia em espírito e verdade.

RIZZONI possuía pureza de alma, delicadeza moral, possuía amor para com todos os seres vivos, controle dos sentidos, espírito de sacrifício, abnegação, amor à solidão, autodomínio.

Possuía, também, a não-violência, espírito de perdão, capacidade para renunciar, serenidade, compaixão, frugalidade, paciência, modéstia, constância, fidelidade. Possuía mais: zelo, alegria nóbre e elevada, suavidade, brandura, firmeza, compreensão, humildade, paz de espírito. Era adversário da ostentação, da arrogância, da ira, da brutalidade, da presunção, da vaidade, da hipocrisia, da inveja.

E nem é tudo: pois "era retilíneo por índole, mas não feria ninguém." Como que seguindo um conselho de Lao-Tse, fugia dos prazeres sensuais, dos gozos desnobres da vida: "pôr as forças vitais ao serviço de gozos egoístas, é ilusão, embora pareça força."

Esta era outra das múltiplas diferenças ou dissimilaridades que ele tinha com o homem comum, vulgar. O homem comum --- o homo qualumque --- pouco caso faz das promessas relativas ao reino de Deus; preocupam-no, apenas, de modo absorvente, as coisas deste mundo. Trata-se de um homem que vive na superfície, na periferia; será perder tempo tentar persuadi-lo a não egoísta, a ser altruísta; ele

"não vê nada senão objetos externos; falar-lhe de iluminação interior é o mesmo que falar de luz a um cego, ou de música a um surdo." Em suma, o homem comum é o zero cultural, o zero espiritual --- um zero que não se possui a si mesmo, que é possuído pelo que tem. Um homem de tal porte íntimo é absolutamente pobre, é paupérrimo, não possui nada neste mundo.

RIZZONI enfrentou dificuldades nesta vida. Teve, acima de tudo, de suportar os problemas vitais inerentes ao presente eon, ou ciclo evolutivo em que vivemos. Ao propósito escreveu o Prof. Rohden: "As dificuldades da vida são um meio para que o homem possa alcançar o fim da sua encarnação terrestre." Esse fim é tornar-se melhor do que Deus o fez, aperfeiçoar-se o mais que lhe for possível, sempre no rumo da Perfeição infinita. O ideal humano é: semper ascendens, sempre para cima, para o alto --- um impulso faustico para a luz.

"Felizes são os famintos de uma vida superior, já enfastiados da vida profana!" (Huberto Rohden).

RIZZONI, só muito a contragosto, tratava de negócios mundanos. Quando a isto era forçado, compelido pelas necessidades da vida material, não se deixava afetar por nenhuma materialidade. Podia ser mal visto pela mediocridade dominante, que, como dissemos, não crê nas coisas do espírito. Mas bem cedo havia se encontrado com sua alma. Bem cedo, em sua vida, ^{passou a} ~~XXXXXXXX~~ mostrar que tinha "sede e fome do mundo espiritual e divino".

Foi proveitosa a caminhada terrena deste nosso inolvidável amigo. Não foi ele um pinhalense inútil, um pinhalense avulso, supérfluo, ocioso. Valorizou em muito o espetáculo do mundo, em seu meio ambiente; procurou torná-lo menos penoso. "O que acontece no mundo é sempre igual e não muda nunca: o homem entrega-se mesmo a um espetáculo penoso." RIZZONI tentou modificar esta concepção, esta visão do mundo.

Com sua aguda inteligência, com seu penetrante espírito, ERNESTO "compreendia tudo antes dos outros." Possuía canais de percepção, finas e sutis antenas intuitivas, capazes de sondar o invisível, as leis e as forças cósmicas. Fazia silêncio em sua mente,

para escutar o som ou a voz de Deus. Seguiu o conselho dos melhores místicos ou espiritualistas: "Cala-te (faça completo silêncio em tua mente) e Deus te falará."

Escreveu Rohden: "Quando o homem fala, Deus se cala. -
--- Quando o homem se cala, Deus lhe fala." A "voz cósmica" ressoa dentro do homem solitário e silencioso --- do homem que não fala, nem pensa, nem quer nada.

ERNESTO RIZZONI "carregava de boa mente o fardo da sua jornada terrestre." --- "Trilhou com tranquila dignidade o seu solitário caminho."

Modesto e simples, não se valorizava a si mesmo, pelo que era e pelo bem que fazia aos outros. Justificava, plenamente, as palavras de sabedoria de Lao-Tse: "Quem dá valor a si mesmo não é valorizado. Quem se julga importante não merece importância. Quem se louva a si mesmo não é grande."

Este é um ensinamento que se casa harmoniosamente, que consoa perfeitamente com estoutro de Jesus Crsito: "quem quiser ser grande seja o servidor de todos... quem se exaltar será humilhado."

Morreu, finou-se, por fim, o nosso bom, o nosso querido e grande amigo ERNESTO RIZZONI. Partiu, foi-se deste mundo. Ou, melhor dizendo, despertou afinal do aonho mau desta vida terrestre...

Reinhold D.

VULTOS EMINENTES DO PINHAL

ERNESTO RIZZONI, "HUMANO, DEMASIADO HUMANO"

Texto de UBIRAJARA ROCHA

Com efeito, o nosso distinto e mui presado conterrâneo ERNESTO RIZZONI, além de "humano, demasiadamente humano", consoante a conhecida e sempre citada expressão de Nietzsche, foi um homem que, transposta a inquieta fase da mocidade, passou a viver "segundo Deus" e não "segundo o mundo".

Tornou-se na madureza o que na Santo Evangelho se chama o "sal da terra", o espírito que nada deseja do mundo e que só trabalha para a maior glória de Deus.

Na verdade, quem não trabalha para Deus --- ad maiorem gloriam Dei --- trabalha no vácuo, trabalha para nada, trabalha em vão. Está escrito no Evangelho Segundo São João: "Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória é nada" João, VIII, 54.

Dessarte, quem quiser gloriar-se a si mesmo é certo que perderá todo o seu tempo; "seu nome --- como frisa o autor sagrado --- será esquecido e ninguém se lembrará das suas obras."

Vejam-se, ao propósito, os casos, famosos, de Santo Agostinho e Léon Tolstói: durante boa e considerável parte de suas respectivas vidas trabalharam, estes dois grandes homens, para a construção de suas próprias famas e reputações; fizeram-no inutilmente, como sabemos e eles próprios pateticamente confessaram em páginas dolorosas e candentes de sinceridade e realismo. Vãmente lutaram na edificação de suas próprias glórias mundanas; contudo, somente foram felizes e plenamente se realizaram quando suas almas encontraram-se a si mesmas, quando começaram a trabalhar e a viver para Deus. Ouçamos esta pungente e sinceríssima confissão de Santo Agostinho: "Fizeste-nos para ti, Senhor, e inquieto está o nosso coração até que encontre quietação em ti."

O nosso querido e saudoso ERNESTO RIZZONI experimentava inexprimível inquietude metafísica, sofria indefinível e cada vez maior e mais intensa nostalgia da substância interna. Seu coração --- tão nobre e sensível como o de Santo Agostinho --- somente ~~XXXX~~

encontrou a paz, somente conseguiu banir sua inquietude quando descansou no seio de Deus.

Esteve na iminência de abandonar tudo o mais, e de enfim realizar aquele sonho ou ideal religioso contido nas palavras do Mahatma Gandhi: "Homem, renuncia a tudo, entrega tudo a Deus --- e depois recebe-o de volta, purificado, das mãos de Deus."

Tais palavras refletem aquelas outras de Cristo-Jesus, ditas ao "moço rico": "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que ~~tenes~~ tens, dá-os aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me." Evangelho Segundo São Mateus, XIX, 21.

Com tais conhecimentos e tal grau de espiritualização RIZZONI não podia deixar de distanciar-se dos homens profanos, espiritualmente analfabetos e que compõem o grosso da humanidade. Fazia-o, porém, sem nenhuma ponta ou lampejo de orgulho; procurava, apenas, preservar sua pureza interior, tornar-se mais e mais incontaminável. Tarefa mui dura e ingrata é, de fato, suportar a presença ou companhia do vulgo ignorante e ainda por cima arrogante na sua ignorância, ufano de seu tosco primitivismo espiritual. Os ignoros, os apedeutas ~~é~~ são gente xucra, bronca, obtusa --- são "doentes difíceis, por isso que consideram como saúde a sua própria enfermidade". Foi, decerto, com as vistas voltadas para esse charro e crasso "uomo qualunque", que o autor sagrado traçou a conhecida expressão bíblica: "todo homem é mentiroso" --- omnis homo mendax.

Passemos a outras considerações, com a permissão do leitor.

ERNESTO RIZZONI não se limitava a simplesmente viver: "não se derramava pela vida superficial", não levava a vida apenas por levá-la, como faz o homem comum, o homem medíocre. Como já dissemos e salientámos, era homem espiritualmente rico e até riquíssimo sob certos aspectos; benevolente e bondoso, nunca deixou de ajudar ^{aos} ~~seus~~ menos ricos.

"Para ele, ninguém estava perdido." --- "Envolvia em sincero amor aquele que necessitava dele." --- "Não alimentava presunção alguma, não aspirava poder, e fazia o que devia ser feito."

Vivia com equilíbrio e harmonia, em sintonia com as leis

que regem o funcionamento do Universo. Não contrariava as ocultas e silenciosas leis da vida, que atuam sem cessar, punindo infalível e gravemente ^{quem as} ~~quenas~~ transgride.

Sendo como era um homem espiritual, era possível aplicar-se-lhe as seguintes observações do eminente Prof. Huberto Rohden:

"A realização interna não produz necessariamente as realizações externas. O homem espiritual não é necessariamente rico, como ensina um superficial pragmatismo. --- Como para um sábio é difícil ser rico --- assim para um rico é difícil ser sábio."

RIZZONI tornava-se mais modesto, dia a dia, e reverenciava as coisas do mundo da qualidade e não as do mundo ^{das quantidades} ~~das quantidades~~. Não se preocupava em brilhar socialmente, parecendo corresponder às palavras de Lao-Tse: "Não há maior calamidade do que a mania do sucesso." E, paralelamente: Quem se contenta com o necessário, vive numa paz imperturbável."

Não o alcançou a moderna epidemia do êxito --- não foi colhido pelo terror do fracasso. A moderna sociedade industrializada não admite o fracasso individual: todos precisam vencer na vida, em caso contrário, serão fatalmente marginalizados. Nossa sociedade de consumo nada quer saber das realizações do mundo interior, do mundo subjetivo do homem. O homem deve ter e não ser. Quem não tem, nada é. Como disse o nosso sempre citado Rohden: "As alo-realizações são tudo --- a auto-realização é coisa sem valor."

Na juventude RIZZONI foi, metafisicamente falando, um inquieto, um insatisfeito. "O homem satisfeito consigo mesmo não pode compreender as coisas espirituais." (Huberto Rohden).

RIZZONI sempre foi aquilo que na linguagem popular se dá o nome ou a designação de --- "trigo limpo". Foi um bom, um homem extremamente generoso e que, deppis, se transformou em homem integral, cósmico, em homem cristico.

Homem grave, sério, que não corria atrás de prazeres carnavais, de dinheiro ou de divertimentos sociais; não se preocupava com festas, bailes, saraus, reuniões mundanas... Sua permanente bondade recorda-nos o que disse Ramana Maharishi: "O único modo de fazer bem aos outros é ser bom."

Reverenciava e fielmente cumpria os dois máximos mandamentos ditados por Nosso Senhor Jesus Cristo, na sabedoria quase biminar do seu Evangelho: amar a Deus acima de todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo. Praticava, sem cessar, o amor a Deus e a caridade, que são a quintessência, o alfa e o ômega do Cristianismo.

Tudo indica que RIZZONI conhecia o "caráter cósmico da vida humana". Sobre isto disse Rohden: "As leis cósmicas são inexoráveis e imutáveis, tanto no mundo sideral como no mundo hominal. Obedecer a essas leis da natureza humana é harmonia e felicidade --- desobedecer-lhes é caos e infelicidade."

ERNESTO RIZZONI não será esquecido pela parte culta e sincera de Pinhal. Os bons pinhalenses não esquecerão aquele homem bom, tolerante, benévolo e amável para com todos. Todos se lembrarão daquele cidadão sério, de anima ^{naturaliter} ~~naturaliter~~ cristiana.

Não, ERNESTO RIZZONI não morreu. Não pode morrer quem sempre teve fé nestas palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem tiver fidelidade a mim, não morrerá, e, ainda que tenha morrido, viverá para todo o sempre."

Pinhal

ERNESTO RIZZONI, BONDADE ÉTICA E NÃO APENAS MORAL

Texto de UBIRAJARA ROCHA

ERNESTO RIZZONI foi, indisputavelmente, um homem realmente ético, o que significa ser mais^{do} que um homem essencialmente moral.

Expliquemo-nos. Afirmações como esta que acabamos de fazer devem ser minuciosamente elucidadas.

RIZZONI era um homem bom no sentido ético da palavra e não apenas no sentido moral do termo. Com isto queremos dizer que o homem eticamente bom o é internamente, mostra-se sempre animado de boas intenções, sem duplicidade de sentimentos e de atitudes, sem segundas intenções em suas ações, sempre reto no agir, sem demonstrar cálculo ou interesse algum em fazer o bem. Já o homem moralmente bom o é apenas exteriormente, ou, como diz Huberto Rohden:

"Um homem internamente mau, desarmonizado com Deus, pode ser externamente beneficente, benfeitor da humanidade." Tal homem simplesmente moral faz o bem visando a obtenção de lucros, vantagens, prêmios, recompensas, retribuições de qualquer ordem ou espécie.

Atos moralmente louváveis podem ser praticados por homens interiormente maus. Já os atos eticamente meritórios são os praticados por homens realmente bons. Filosoficamente falando, ética e moral são coisas ou noções inteiramente distintas e profundamente diferentes; apenas o vulgo confunde, mistura ou identifica esses conceitos ou valores.

Em resumo: "Nem todos os atos externamente morais são internamente éticos." (Huberto Rohden).

Desgraçadamente, há, na terra, uma abominável promiscuidade ou abjeta mescla entre bons e maus. Este tema é ~~atraente e~~ ~~xxx~~ reclama considerações mais amplas e objetivas. Escreveu o insigne Prof. Rohden, que tanto temos citado nestes pálidos escritos: "Ser bom não é ser bonzinho... Muitas vezes ser bom parece até ser mau; por vezes o exercício da bondade exige rigor, disciplina, aparente crueldade. (Digamos: o bom às vezes é carinhosamente mau). Quem

permite passivamente todos os abusos ao redor de si, sob pretexto de ser bom, não é bom. Ser bom é ser intransigente amigo da verdade, de retitude, da justiça, da ordem e disciplina."

"Quem age com rigor e severidade em defesa de uma causa sagrada (veja o caso de Jesus a expulsar os vendilhões do templo) esse é realmente bom, talvez cruelmente bom, embora os homens mundanos o tachem de mau."

"O homem realmente bom é o maior benfeitor da humanidade (da comunidade onde vive). Homens realmente bons, auto-realizados, irradiam poderosas auras, mesmo que ninguém saiba da sua existência."

O doce e bondoso Spinoza --- neste ponto foi acicamente criticado pelo árido e frio Kant --- elogia e mesmo exalta e glorifica o homem incondicionalmente bom, puramente desinteressado, que nada faz visando aplausos ou recompensas, nem antes e nem depois da morte.

O nosso ERNESTO RIZZONI era, ^{como} ~~era~~ acentuamós, um homem fundamentalmente bom. Ele fazia o bem, porque só quem é bom faz o bem, desinteressada e indiscriminadamente. E ainda mais: só quem faz o bem pelo bem entra na vida eterna.

Quem pode, deve. Disse o Prof. Rohden: "O homem pode e deve tornar-se internamente bom; é esta a sua razão-de-ser aqui na terra."

RIZZONI possuía as altas qualidades recomendadas pelos mestres espirituais da Índia, a saber: "pureza de coração, serenidade, o culto do silêncio; incessante desejo de disciplina, mente piedosa e firmeza de vontade."

Seus atos refletiam intensamente o que ele era por dentro. Diz a Bhagavad-Gita, em sua sabedoria multimilenar: "Da íntima natureza de cada homem é que nasce o seu motivo de agir; o homem é aquilo que ele ama; o que o homem é isto ele crê, e com isto se identifica."

Podemos dizer, também, sem receio de errarmos, que RIZZONI norteava sua vida pela filosofia e poesia do Nazareno --- filosofia e poesia sem os quais o mundo seria apenas morte e treva.

A "sabedoria cósmica do Nazareno" --- ninguém duvida disto --- preserva os seres da corrupção, da inevitável putrefação.

ERNESTO era homem de natureza metafísica; não encontrava nenhuma satisfação na zona física da existência. Aos gozos terrenos apenas se apegam, ou se agarram, as naturezas planas, mediocres, sem densidade espiritual.

RIZZONI --- já o dissemos inúmeras vezes no corpo deste livro --- era um homem espiritual. "O homem espiritual --- escreve Huberto Rohden --- se guia por princípios, ao passo que o homem material só é dominado por fins. --- "Os princípios preservam o homem, como o sal. Os fins corrompem o homem, como se corrompem os alimentos sem sal."

Continuamente RIZZONI "espiritualizava a sua vida material". Preservou até ao fim a consciência da sua espiritualidade. Recolhia-se, todos os dias, em sua interioridade profunda, nunca se deixando invadir por nenhuma das corrupções do mundo, afastando-se, cautelosamente, do "dilúvio de profanidades e profanações" da vida ordinária, comum.

Jamais agiu como o homem boçal, como o homem profano comum, que costuma trocar Deus pelo sexo, pelo dinheiro, pelos divertimentos mundanos; nem o trocava pelos escapismos perniciosos do mundo: drogas, ciência, arte, atividades frenéticas, etc. RIZZONI bem cedo compreendera que a vida, sem Deus, é só desespero --- é a terrível solidão do nada.

Como disse Rohden: "dinheiro, sexo e divertimentos roubam ao homem --- máxime ao homem mediocre --- a visão duma felicidade transcendente."

Os gozos terrenos não substituem, não podem substituir Deus; tais prazeres terminam, fatalmente, por esgotar o ser sem o saciar nunca; eles exaurem a criatura, completamente. Uma existência puramente naturalista, voluptuosa, epicurista, acaba na decepção, na dor, do desespero, na aflição, no suicídio --- em suma, num "inferno em plena vida".

A dor é o salário do prazer: no fundo do prazer só há dor, sofrimento, desilusão.

Um homem espiritualizado --- tal como o foi o nosso querido

e inesquecível ERNESTO RIZZONI --- encontra em si mesmo a fonte da felicidade. Disse Rohden: "a felicidade não é algo que o homem recebe de fora, ~~mas é ele mesmo essa felicidade.~~"

"O milionário da felicidade interior não necessita de correr freneticamente no encalço das pequenas moedas dos gozos externos, que os profanos chamam felicidade. O homem espiritual abre mão desses pobres prazeres. Quem goza duma felicidade profunda pode prescindir de gozos superficiais."

"A verdadeira felicidade está numa outra dimensão, ignorada dos pobres gozadores." Os gozos enervantes do homem material em nada se parecem aos gozos inefáveis do homem espiritual. O homem espiritual "encontra dentro de si a fonte de uma felicidade permanente".

O quadro, geralmente oferecido pelos gozadores, pelos sibaritas, pelos voluptuosos, é dramático, mesmo patético. "Os gozos dos profanos sofrem de um mal intrínseco: necessitam de estímulos cada vez mais violentos para serem ainda sentidos e gozados." E, por fim, a possibilidade de gozar fica tão embotada que acaba em total incapacidade de gozar ainda. O próprio gozo progressivamente intensificado produz, por fim, a incapacidade de gozo. O gozo atrofia a gozabilidade --- e então o infeliz gozador está maduro para o hospício, para o hospital ou para o cemitério --- ou então para um inferno em plena vida."

A verdade é que um prazer muito prolongado termina em saciedade. "A constância duma sensação tira a consciência dela" --- escreveu Afrânio Peixoto. O gozo excessivo engendra a insensibilidade, gera a monotonia, o fastio --- ou as "náuseas da super-saturação".

Ernesto Rizzoni

VULTOS EMINENTES DO PINHAL

ERNESTO RIZZONI, RELIGIÃO E FILOSOFIA

Texto de UBIRAJARA ROCHA

Foi ERNESTO RIZZONI, incontestavelmente, um homem de filosofia e religião, um cultor abnegado do espiritualismo cristão.

Sua fé no Cristo era viva, ardente, profunda --- uma fé que, segundo Santo Agostinho, "atua pelo amor" --- "fides quae per charitatem operatur".

RIZZONI, através de tal palpitante fé, "vivia o que cria". Provava que era cristão genuíno e integral, um crente raro no meio deste nosso mundo profundamente materialista, no centro da humanidade visceralmente anti-espiritual.

RIZZONI, numa palavra, sempre foi um homem espiritual, recusando radicalmente o egóismo do homem telúrico, do homem profano, do homem que normalmente rasteja nas tristes baixadas da vida, no desolado vale da ignorância.

Não tinha saúde nem forças para suportar o contínuo tagarelar frívolo e inconsequente do homem material, a-espiritual. Fazia-lhe mal a ignorância invencível, brônzea, arrogante, incurável, monumental do homem comum, do homem da rua, ou seja, da ralé.

Bolia-lhe com os nervos o incessante papaguear dos homens ociosos, vazios, sem nada por dentro. Molestava-o o psitacismo estéril (palavra derivada do latim psittacus, papagaio).

RIZZONI, que sempre viveu em clima ou atmosfera de filosofia e religião, era um espírito luminoso, muito belo, cativante e simples. Lia seguidamente os Evangelhos do Cristo e obras densamente espirituais; procurava viver intimamente tudo aquilo que lia e compreendia. Procurava realizar o conteúdo da mensagem evangélica, dia a dia, ano por ano, a vida inteira. Nunca deixou de tentar realizar a verdade das palavras de Jesus e dos ensinamentos dos mestres espirituais da humanidade, fazendo de sua própria vida uma obra-prima de espiritualidade redentora.

Sim, o nosso precioso e inolvidável amigo procurava achar "descanso para sua alma" na sabedoria da compreensão. Da ~~compreensão~~

compreensão da verdade libertadora. Disse Cristo-Jesus: "Conheceis a verdade, e a verdade vos libertará."

RIZZONI espiritualizava-se sem cessar, no meio de um ambiente grosseiramente material, espessamente carnal. Em ambiente hostil à espiritualidade, foi "crescendo em sabedoria perante Deus e os homens", tal como Jesus a partir dos 12 anos de idade.

Fui perguntado, um dia, se RIZZONI era homem religioso. Respondi que muito mais que religioso ele era um homem integral, cósmico --- um homem cristico. Sua religiosidade profunda o tornava um ser infinitamente afastado de qualquer concepção naturalista ou voluptuosa da existência.

Homem livre, ^{mas que} ~~mas que~~ apenas usava e não abusava da sua liberdade.

Dissemos mais acima que ERNESTO era um homem espiritual.

Pois bem, o profanum vulgus ri e zomba do homem espiritual, ~~tratando-o~~ tendo-o cruelmente na conta de uma ^{espécie} ~~espécie~~ de "galinha morta", de homem irrisoriamente indefeso, fraco, apático, incapaz de defender os próprios direitos quando ameaçados, homem que "tolera com apatia e indiferença todos os abusos" e atentados à sua pessoa, não tendo forças para repelir com energia nenhuma indisciplina. Isto foi dito, em linhas gerais, por Hüberto Rohden, que acrescenta: "O homem profano identifica mansidão com fraqueza e indiferença, rigor e energia com ausência de espiritualidade; não compreende que o homem espiritual possa defender com entusiasmo uma causa sagrada, sem ser impedido por nenhum sentimento de egoísmo ou ofensa pessoal."

Na realidade, o homem espiritual "sabe ser severo e rigoroso sem renegar a mais perfeita mansuetude e benignidade." --- ~~Violenta~~ Violenta non durant, diziam os antigos romanos, as coisas violentas não duram. E, como disse Nietzsche, a violência é o recurso dos esgotados, indicio certo de fraqueza.

Ainda de Rohden é este comentário: "O verdadeiro poder do homem não consiste em atos de violência física, mas sim numa atitude de presença metafísica; não se trata de fazer algo, mas de ser alguém." --- "Quando o homem atinge o climax (o zênite) do seu poder toda a violência acaba em benevolência. A violência é sinal de

fraqueza, a benevolência é indicio de poder. O homem vulgar confunde violência com poder, mas o homem espiritual evita toda violência quando entra na zona do poder; para ele não-violência é inseparável de apego à verdade." Só os esgotados amam a violência, os fracos são atraídos pelo nocivo. (Nietzsche).

A grande maioria dos seres humanos descrê ou não crê sinceramente na existência do mundo espiritual, do mundo invisível, não captável pelos sentidos físicos. Disse Rohden: "Cremos nesse mundo espiritual, mais por convenção do que por convicção; cremos, porque ouvimos dizer ou lemos a respeito desse tal mundo invisível; cremos, quase por fraqueza ou para fazer um favor a Deus..." --- "O mundo espiritual da nossa fé é, para nós, uma espécie de bela teoria que respeitamos..."

RIZZONI, contudo, acreditava piamente na existência desse mundo espiritual, invisível. Ele procurava, sem cessar, "o reino de Deus e sua justiça". Ele cria, confiantemente, na "vidaeterna".

A sociedade profana nada sabe das coisas do espirito, e mesmo interpreta mal quem alimenta a lampada divina da espiritualidade. Não vê com olhos o homem que cultiva o espirito; "as rudezas e baixezas do mundo profano causam grandes sofrimentos ao homem espiritual, homem cuja natureza é eminentemente delicada e sensível. "A espiritualidade é fonte de acerbo sofrimento" --- acentua o mestre de meditação Huberto Rohden.

RIZZONI devia estar "convencido de que não era cidadão desta terra, mas habitante do universo". Ele concordaria, com toda a certeza, com o que disse o apóstolo Paulo: "Aqui na terra somos apenas estranhos e peregrinos --- a nossa verdadeira pátria são os céus." Somos da cidade de Deus, da Jerusalém celeste. Nossa cidadania telúrica é ulusória; nossa verdadeira cidadania é cósmica.

ERNESTO estaria de acordo com esta confissão de Rohden: "De fato, sou cidadão do universo; aqui na terra sou apenas imigrante com "visto" temporário (visto de entrada e de saída), de poucos decênios; por isto, quero cumprir, com a maior perfeição e alegria, o meu estágio terrestre, a fim de me preparar para outra missão que Deus me confiar em alguma das "muitas moradas" que há em sua casa cósmica."

O homem espiritual, para melhor amar o próximo, isola-se, instintivamente, dos maus: procura a solidão, onde possa cultivar em silêncio e tranquilamente as coisas que mais ama neste mundo, as coisas que descobriu em profunda contemplação e meditação.

ERNESTO RIZZONI amou profundamente a Cristo-Jesus, "o único homem plenamente humano e totalmente divino" --- verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Cristo é, para a humanidade, uma espécie poética de humano edelweiss no cume da montanha. É Luz do Mundo, luz colocada no alto do candelabro.

ERNESTO RIZZONI teria sido um triste?

Sim, talvez fosse um triste --- mas um triste que não trocaria a sua tristeza pela "alegria ruidosa que os profanos chamam alegria". Ele decerto preferia a sua "doce amargura" a qualquer rumorosa alegria mundana. Sagrada era para ele a sua tristeza. "Por nada deste mundo trocaria a sua tristeza; tinha pena dos alegres por não gozarem a querida tristeza de que ele gozava."

Numa palavra: RIZZONI "podia parecer triste aos olhos dos inexperientes, mas era um homem profundamente feliz dentro de si mesmo."

Finalmente, antes de terminar: ~~sabemos~~ ^{sabemos} ~~xxxxxx~~ que RIZZONI não morreu realmente, sabemos que ele apenas mudou de vida e de vivência. Por isso talvez não devêssemos ficar tristes, não devêssemos chorar e ~~xxxix~~ ^{nos} vestir de luto. Botar luto por quem está vivo?....

Luís Carlos - D. L.